

SERTÃO EM FESTA: DO NARRADOR EM TRAVESSIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Marília Marques Nunes

Sertão em festa: do narrador em travessia

Sorocaba, São Paulo

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Marília Marques Nunes

Sertão em Festa: do narrador em travessia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana - Centro de Ciências Humanas e Biológicas, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanda Aparecida da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza

Sorocaba-SP

2026

Nunes., Marília Marques

Sertão em festa: do narrador em travessia / Marília
Marques Nunes. -- 2026.
84f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Vanda Aparecida da Silva
Banca Examinadora: Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa,
Maria Fernanda Costa Miranda, Viviane Melo de
Mendonça
Bibliografia

1. Sertão. 2. Festa. 3. Literatura brasileira. I. Nunes.,
Marília Marques. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Marília Marques Nunes, realizada em 05/02/2026.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza (UFSCar)

Prof. Dr. Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa (UFT)

Profa. Dra. Maria Fernanda Costa Miranda (IFG)

Dedico este trabalho a memória do meu avô Simplicio, menino que brincou, tocou e teceu até os últimos dias da sua infância aos 96 anos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Vanda, que foi tão paciente em meu processo, respeitando meu tempo dilatado, deu liberdade para minha escrita, soltou a minha imaginação e me ensinou os caminhos da pesquisa.

Ao Geraldo que tem o brilho nos olhos pelo território onde mora meu coração, que me possibilitou boas e frutíferas trocas.

À professora Viviane, pelas disciplinas maravilhosas ofertadas ao longo do mestrado, por me receber como estagiária no estágio docente, por aceitar ser banca de qualificação e defesa, por ajudar a organizar as minhas ideias.

Aos meus colegas de mestrado que caminharam comigo principalmente Lili Mota, Maysa, Fabi, John e Jeff Barbato. Aos que vieram antes de mim e me abriram os caminhos em especial Wellington, Gérica e Tiago. E quem chegou depois oxigenando as ideias, mas que antes da Ufscar já caminhava junto que foi Felipe.

À minha mãe que tantas vezes me perguntou o que eu estava fazendo e me fez refletir cada passo que dava, ao meu pai que sempre incentivou aos estudos, a minha irmã que me deu coragem e inspiração, ao meu irmão que encantou com cantorias tantos dos meus dias, a minha tia Elida que me apresentou Guimarães Rosa e me encaminhou para o universo da literatura, um agradecimento especial e em memória ao meu avô Simplicio que teceu sonhos enquanto vivo e segue tecendo já encantado, às minhas avós Adélia e Angelina que adoçaram minha infância e meu avô Alberto que me mostrou que na vida precisamos dançar.

Especialmente à minha namorada, esposa, companheira de vida e caminhadas, Ester, mais conhecida como Amora, que me ouviu, me acolheu e me leu tantas vezes que sem ela esse texto não seria assim.

Às minhas amigas que primeiro acreditaram em mim, quando estar no mestrado era um desejo pequeno e cheio de medo, Gabizinha a minha irmãzinha de tantas reflexões minha dupla de palhaça em Campinas, Milena que corrigiu e sentou comigo para rever cada linha do projeto, que acreditou mais do que eu que seria possível, ao Ian sempre mestre e conselheiro,

à Letícia que acreditou tanto nos meus sonhos que acabou caminhando 200km no sertão e uniu mundos, à Camila minha primeira amiga da vida que me faz sempre lembrar quem é a minha criança, Érica que me questionava e me fazia pensar quais eram os caminhos que eu realmente queria seguir, à Fabi minha marida e minha dupla de palhaça em Sorocaba que tem o poder de tirar nossos sonhos da gaveta, à Priscila minha parceira desde os tempos de provas de vestibulares, descobrimos caminhos juntas e agora estamos trilhando e compartilhando novamente os caminhos da pesquisa no mestrado. Tem muito mais amigas e amigos nessa lista, sou bem acompanhada e tenho a sorte de ter amigos que jogam aquela luz quando o caminho parece sombrio.

À Dani, minha psicóloga, com quem amadureci meus desejos, acolhi meus medos e entendi que o mestrado poderia ser para mim também se assim eu quisesse.

Aos meus companheiros de Caminho do Sertão: Camila, Cássia, Bárbara, Rosa, Rachel, Vitor, Cerise, Gabriel e muitos outros que compartilhamos sonhos e esparadrapos.

Ao coletivo do Caminho do Sertão, no qual fui acolhida com tanto carinho em especial Sandin (chefe), Binho(meu marido do sertão), Giliarde, Almir Paraca, Diana Campos, Lucas, Maria Fernanda, Célio, Miltinho, Paulo, Tico, Fernando e Rosana Pipoca.

Aos pesquisadores/caminhantes que foram tão gentis e generosos em me receber como aprendiz nesse grupo, por trocas tão especiais e dicas fundamentais para esse trabalho acontecer, Maria Fernanda Miranda, Gabriel Oliveira, Gustavo Meyer e Rosa Amélia.

Agradeço com muito carinho, respeito e admiração à cada uma das pessoas que encontrei no trajeto do Caminho e que suas histórias me fizeram parar para pensar, estudar e escrever, Manu, Dona Helena, Dalci, Dona Nega, Rose, Neide, Dona Fiinha, Dona Jandira, Mana, Vó Geralda, Seu Argemiro, Damiana, Gasparina, Gerson, Dona Maristela dentre tantos outros.

RESUMO

Esta dissertação reflete a respeito da condição humana partindo do sertão de João Guimarães Rosa, remexendo memórias submersas em veredas, adentrando o cerrado através da obra *Corpo de Baile*. Neste trabalho analisa-se a relação entre a festa na literatura do escritor João Guimarães Rosa, na novela *Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)* e a festa em *O Caminho do Sertão*, uma imersão sócio-eco-literária. Esse evento acontece nos Vales dos rios Urucua e Carinhanha, universo criativo do escritor mineiro, com início no ano de 2014 abrangendo o território geográfico situado em parte do noroeste de Minas Gerais, entre a divisa com os estados de Bahia e Goiás. Os objetivos específicos são: 1) Compreender as relações entre a literatura de Guimarães Rosa e o evento *O Caminho do Sertão* em cartografia do território; 2) Analisar o tema da festa na novela *Uma História de Amor (Festa de Manuelzão)*; e 3) Analisar o tema da festa em *O Caminho do Sertão*. A partir das concepções de “experiência” e “narrador” (Benjamin, 1994), olhamos para o território do sertão Rosiano para compreendermos o que alicerça as experiências dos povos tradicionais (Kopenawa, 2015; Krenak, 2020; Santos, 2023), observando a importância das festas, do movimento e do corpo no território (Martins, 2023, Miranda, 2023). Trouxemos para essa reflexão, portanto, as festas, as narrativas das pessoas que vivem no território; assim como, a experiência da pesquisadora como caminhante e observadora desta travessia d’*O Caminho do Sertão*. Buscamos entender as personagens e as pessoas do sertão adentro, que vivem no entre, uma geografia das encruzilhadas que fica entre realidade e literatura, entre Bahia, Minas Gerais e Goiás, entre o agronegócio e o cerrado, entre a vida vivida e festejada e a superestrutura esmagadora do capitalismo. A pesquisa revelou o processo de aprendizagem através da experiência da pesquisadora-caminhante, ao mesmo tempo em que trouxe a compreensão dos processos de luta das pessoas do sertão rosiano contra a exploração do agronegócio. A luta e resistência das pessoas que vivem nesse território passam necessariamente pela festa.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; sertão; festa; território; literatura brasileira.

ABSTRACT

This dissertation reflects on the human condition starting from the sertão of João Guimarães Rosa, revisiting memories submerged in veredas and entering the cerrado through the work *Corpo de Baile*. This study analyzes the relationship between festivity in the literature of the writer João Guimarães Rosa, in the novella *Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)*, and festivity in *O Caminho do Sertão*, a socio-eco-literary immersion. This event takes place in the valleys of the Urucuia and Carinhanha rivers, the creative universe of the Minas Gerais writer, beginning in 2014 and encompassing the geographical territory located in part of northwestern Minas Gerais, along the border with the states of Bahia and Goiás. The specific objectives are: 1) To understand the relationships between the literature of Guimarães Rosa and the event *O Caminho do Sertão* in a cartography of the territory; 2) To analyze the theme of festivity in the novella *Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)*; and 3) To analyze the theme of festivity in *O Caminho do Sertão*. Based on the concepts of “experience” and “narrator” (Benjamin, 1994), we look at the territory of the Rosian sertão in order to understand what underpins the experiences of traditional peoples (Kopenawa, 2015; Krenak, 2020; Santos, 2023), observing the importance of festivities, movement, and the body in the territory (Martins, 2023; Miranda, 2023). We therefore brought into this reflection the festivities, the narratives of the people who live in the territory, as well as the experience of the researcher as a walker and observer of this crossing of *O Caminho do Sertão*. We seek to understand the characters and the people of the sertão from within, who live in the in-between, a geography of crossroads that lies between reality and literature, between Bahia, Minas Gerais, and Goiás, between agribusiness and the cerrado, between lived and celebrated life and the crushing superstructure of capitalism. The research revealed the learning process through the experience of the researcher-walker, at the same time that it brought an understanding of the processes of struggle of the people of the Rosian sertão against the exploitation of agribusiness. The struggle and resistance of the people who live in this territory necessarily pass through festivity.

Keywords: João Guimarães Rosa; sertão; festivity; territory; Brazilian literature.

LISTA DE FIGURAS

- **Capa** - Bordado d' *O Caminho do Sertão* - Central Veredas -
<https://urucuiagrandesertaoveredas.com.br/>
- **Figura 1** - Vô Simplicio brincando com sua viola - Acervo pessoal da pesquisadora
- **Figura 2** - Travessia da boiada de 1952 - Foto de Eugênio Silva/O Cruzeiro
- **Figura 3** - Mapa de intensidades de “experimentação” - literatura/espço” - (Barbosa, 2018, p.34)
- **Figura 4** - Mapa Turismo Sertão Veredas Peruaçu - Referência em
<https://mosaicosp.com.br/sabenca/mapas/>
- **Figura 5**– Mapa Mosaico Travessias - Referência em
<https://mosaicosp.com.br/travessias/>
- **Figura 6** – Mapa de *O Caminho do Sertão* - Referência em
<https://redetrilhas.org.br/w3/index.php/as-trilhas/as-trilhas-da-rede/trilha-regional/caminho-do-sertao>
- **Figura 7** - Esquema d' *O Caminho do Sertão* intervenções artísticas - Arquivo pessoal da pesquisadora
- **Figura 8** - Manu brincando com meu bambolê e Giliarde sentado na sombra da árvore na IX Edição de *O Caminho do Sertão* 2024 - Acervo pessoal da pesquisadora
- **Figura 9** - Almir Paraca, em frente ao portal de Sagarana, fala para os caminhantes na VII Edição de *O Caminho do Sertão* 2023 - Acervo pessoal da pesquisadora
- **Figura 10** - Geodésica de Sagarana preparada para receber a peça de teatro que deu início à VII edição d' *O Caminho do Sertão*, 2022 - Acervo pessoal da pesquisadora
- **Figura 11** - Geodésica da Fazenda Menino, na VII edição d' *O Caminho do Sertão*, 2023 - Acervo pessoal da pesquisadora
- **Figura 12** - Vó Geralda e equipe da sua cozinha na VIII edição d' *O Caminho do Sertão*, 2024 - Acervo pessoal da pesquisadora

- **Figura 13** - Cozinha de Dona Rosa IX Edição d'*O Caminho do Sertão* 2024 - Acervo d'O Caminho do Sertão. Foto de Isabela Andrade
- **Figura 14** - Porteira de entrada para o restaurante de Dona Maristela e Seu Gerson - Acervo pessoal da pesquisadora
- **Figura 15** - Estátua de Nossa Senhora e São Francisco com o livro Sagarana - Acervo d'O Caminho do Sertão
- **Figura 16** - Preparação da refeição dos caminhantes do VIII Edição d' O Caminho do Sertão, 2023 - Acervo pessoal da pesquisadora

LISTA DE TABELAS

- **Tabela 1** - Imersões da pesquisadora ao campo

SUMÁRIO

1. A travessia da autora	14
2. Como caminhamos abrindo caminhos	22
3. A festa de Manuelzão na novela de Guimarães Rosa	32
4. Caminhos percorridos: uma cartografia transbordante	40
5. A Festa em <i>O Caminho do Sertão</i>	53
6. Rumo a outros transbordamentos	79
7. Referências Bibliográficas	83

1. A travessia da autora

Dona da casa me dá licença
Me dê seu salão para vadiar ¹

Foi numa noite fria em torno de uma fogueira no sul de Minas Gerais, na Serra da Mantiqueira, eu devia ter 16 anos, quando ouvi pela primeira vez uma leitura de João Guimarães Rosa, ou, talvez, foi a primeira vez que sua obra me atravessou e se alojou no meu coração. Era feriado e fiz uma viagem com minha mãe e minhas tias para Gonçalves-MG. Estávamos hospedadas em uma casinha no meio de um pasto, sem energia elétrica. O morador local que me ensinou os caminhos era o Batatinha, um cachorro caramelo que vivia brincando de espantar vacas.

Chegamos na casa, procuramos lenha para acender o fogão e também armar uma fogueira. Em volta da fogueira, contamos estórias, cantamos Tarancon, Milton Nascimento entre outras referências latino americanas que minha mãe e minhas tias carregam. Em algum momento minha tia pegou um livro chamado *Primeiras estórias* e leu um conto, era *A Menina de Lá*. Fiquei muito impressionada, queria ouvir mais e queria saber mais, era como se eu tivesse sido transportada para outro universo.

Dali em diante não parei mais de tentar desvendar esse novo universo que se abriu diante de mim, o universo Rosiano, tentei ler alguns livros, tentei *Sagarana*, mas não fluiu, tentei ir para o principal, seu único romance e mais renomado *Grande Sertão: Veredas*, e fiquei perdida. Nesse momento, minha tia Élidea, a mesma que me apresentou a *Menina de lá*, já estava trabalhando com a obra de Rosa, e junto com um grupo de músicos tinha musicado alguns trechos da obra; também lia e contava. Quando eu a ouvia, entendia tudo perfeitamente, mas quando tentava ler sozinha era como se fosse outro idioma, e assim foi por um tempo.

Comecei a ler pelas beiradas. Uma jornalista da minha cidade, Juliana Simonetti, lançou um livro, *Travessia*, em que contava a história de uma viagem que fez junto ao grupo de boiadeiros, no interior de Minas Gerais. Assim como fez João Guimarães Rosa, em 1952², antes de escrever *Grande Sertão: Veredas* (1956) e *Corpo de Baile* (1956).

¹ Samba de roda tradicional do Recôncavo Baiano, composição popularmente atribuída à Roberto Mendes e Nivaldo Costa, popularizada por artistas como Maria Bethânia, Dona Edith do Prato e Nega Duda.

² No Capítulo 4 deste trabalho falarei mais a respeito dessa travessia de João Guimarães Rosa em 1952.

A leitura de Simonetti fluiu e eu fiquei ainda mais instigada, mas uma luz ali me acendeu, eu tinha que viajar, pisar em terras mineiras, sertão adentro, se quisesse acessar esse universo.

Alguns anos depois tive a oportunidade de acompanhar a minha tia Élide em uma viagem para Cordisburgo, cidade natal de João Guimarães Rosa. Era a Semana Rosiana³, evento que reúne muitos apaixonados por Rosa. Foi quando conheci a Casa Museu Guimarães Rosa, onde o autor nasceu e passou parte da infância. Ali fui recebida e guiada pelos Miguilins jovens que fazem parte de um projeto que alimenta a cultura local com enfoque na obra de Rosa. Eles declamam muitos trechos da obra, e foi ouvindo esses meninos e conversando com pessoas na cidade que entendi a musicalidade e a entonação que tanto me confundia na leitura. Entendi que a obra de Rosa é mesmo uma literatura viva, assim como o próprio autor definiu em uma entrevista, é uma leitura para se fazer em voz alta.

Quando voltei dessa viagem consegui concluir a leitura de *Grande Sertão: Veredas*. Nesse momento eu já estava na minha segunda graduação e fazia parte de um grupo de estudos sobre Walter Benjamin. Estávamos discutindo sobre a morte do narrador, o fim da experiência. E eu só pensava que no sertão os narradores estão muito vivos, que Riobaldo era um verdadeiro narrador, que Guimarães Rosa registrou na literatura.

Foi quando iniciei a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso sobre o medo e a coragem no *Grande Sertão: Veredas*. De tanto falar e respirar Guimarães Rosa, uma pessoa na faculdade comentou comigo que conhecia alguém que tinha feito um caminho inspirado na geografia deste livro. Fiquei muito interessada. Fui atrás dessa pessoa e descobri mais informações. Era o ano de 2018 e foi a primeira vez que ouvi falar sobre *O Caminho do Sertão*. Mas tive que esperar quase um ano para me inscrever para fazer tal caminhada, pois *O Caminho do Sertão* só acontece uma vez por ano.

As pessoas interessadas devem enviar pelo correio uma carta de afeto escrita a mão, que é o meio de seleção para participar. No ano de 2019, me inscrevi com muita certeza de que seria chamada, mas isso não aconteceu. Minha carta foi recusada. Entendi que muitas pessoas partilhavam do mesmo sonho que eu. Fiquei muito frustrada, pois naquele ano finalizaria meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e acreditava que aquela viagem faria parte da escrita.

Conclui o TCC, com o título *Medo e coragem nas veredas do Grande Sertão: uma travessia benjaminiana*, e também o curso de Pedagogia, e estava animada para em 2020

³ Segue a programação da XXX Semana Rosiana, esta que participei em 2018: <https://cordisburgo.mg.gov.br/programacao-xxx-semana-rosiana-2018/> Acessado em 15/01/2026.

fazer o tão sonhado *O Caminho do Sertão*. Mas o mundo parou com a pandemia de Covid 19 e *O Caminho do Sertão*, que é construído por pessoas comprometidas com o território e preocupadas com as pessoas das comunidades que, em sua maioria, são quilombolas e ribeirinhas, tiveram o cuidado de esperar o tempo seguro para retomarem a caminhada.

Esperei até o ano de 2022, quando já estávamos com mais de uma dose da vacina e mais seguros de nossas condições de saúde pública, e me inscrevi novamente para participar d'*O Caminho do Sertão*. Dessa vez fui selecionada. Me preparei e fui com muita coragem, pois tinha vivido momentos desafiadores, perdas dolorosas ao longo da pandemia, dentre essas perdas, a de meu avô materno, Seu Simplicio, meu velho griô, meu maior exemplo de contador de histórias e violeiro, amante da vida e da cultura sertaneja.

Retornei para minha cidade natal, Sorocaba, no início da pandemia do Covid 19 em 2020. Um dos principais motivos do meu retorno foi porque gostaria de estar perto do meu avô materno, Simplicio. Ele estava fazendo lentamente e cuidadosamente sua passagem, vivi quase um ano com ele nesse período, pedalamos juntos, ele no seu triciclo e eu na minha bicicleta. Fizemos alongamentos matinais, li trechos do *Grande Sertão: Veredas* e ouvi suas muitas histórias, que de cada trecho lido tinha um complemento da sua infância e juventude.

Em seus últimos dias de vida meu avô chamou cada uma das filhas e netas no quarto para falar individualmente conselhos preciosos e passar assim seu legado, nesse momento me lembrei de um trecho do texto “Experiência e Pobreza” do Walter Benjamin:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou: "Um dia ainda compreenderá". (Benjamin, 1994, p.114)

Compreendi que assim como o velho da história de Benjamin meu avô estava deixando seu legado, de forma cuidadosa, conversava entre muitos silêncios com cada uma das pessoas que ele amava, em seu leito de morte transmitiu a experiência. Benjamin nos mostra que, mais do que um tesouro, a experiência é a herança que passa de geração em geração.

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de

países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 2011, p.114)

Tivemos o privilégio de viver com um mestre que nos ensinou o valor da experiência, de viver intensamente nas miudezas do cotidiano, de se deixar atravessar, de cultivar a importância das palavras, meu avô me disse nessa última conversa que gostava de ouvir minhas histórias e me encorajou a aprender um instrumento musical, disse que seria divertido, não queria que eu aprendesse para ser boa, ou me profissionalizar simplesmente para eu aprender para ser divertido.

Meu avô morreu aos 96 anos e eu vi ele pegando uma viola para aprender a tocar depois dos 90 anos, quando qualquer pessoa me diz que está velha para aprender algo novo eu conto essa história. Minha avó Angelina também era brincante e quando falo alguma coisa engraçada sinto que é ela que está falando por mim. Fui criada por uma família festeira que não media esforços para construir uma boa festa.

Na orelha do livro *Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*, de Carlos Brandão, Ecléa Bosi diz: “Bom é o homem que guarda dentro de si o menino que ele foi e nunca deixou de ser.” Meu avô definitivamente era um homem bom no sentido que definiu Ecléa Bosi, eu conheci a criança do meu avô e fomos muito amigos a minha criança e a criança dele.

Figura 1 - Vô Simplicio brincando com sua viola



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Me preparei para *O Caminho do Sertão* pensando muito no meu avô e quando, por fim, cheguei em Sagarana (distrito de Arinos-MG), ponto inicial d'*O Caminho do Sertão*, era como se meu avô estivesse ido comigo, ele estava presente em cada símbolo, em cada conversa miúda, em cada passo. Atravessei o sertão e o sertão me atravessou. Retornei para Sorocaba com uma certeza, meu coração tinha ficado naquelas terras entre Minas Gerais, Bahia e Goiás. O que me fez retornar na edição seguinte, em 2023, para trabalhar voluntariamente na equipe de apoio da cozinha. Uma das coisas que mais me intrigou ao longo d'*O Caminho do Sertão* foi a magia da cozinha acontecendo em meio a tantas adversidades, com uma qualidade e agilidade impressionantes.

“Dião de dia”⁴, tempo dilatado. Foi assim que vivi aqueles dias no sertão, dez anos em dez dias, amores de uma vida em poucos dias, o sentimento da festa em que o tempo corre em outro tempo, em que a vida é vivida em tamanha intensidade que o tempo parece dilatar.

Assim, motivada pelas tantas inquietações que o sertão e a literatura me causaram, me vi animada para avançar neste novo terreno para mim que é a pesquisa acadêmica, com o intuito de sistematizar e registrar tais vivências e pensamentos que vinham brotando, apresentei uma proposta de projeto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, e que apresentarei a seguir.

⁴ Modo como Manuelzão define o dia da festa na novela *Uma estória de amor* (2016).

2. Como caminhamos abrindo caminhos

Vamos percorrer aqui nesta dissertação caminhos que nos levam a percepção sobre festas no sertão e para tanto inicio pedindo licença a quem veio antes de mim, quem já estava escrevendo e pensando esse tema muito antes mesmo de eu nascer, e também quero pedir licença aos mestres e mestras brincantes desse gerais afora que vem suspendendo o céu com suas encantarias e brincadeiras, como Dona Nega, Seu Argemiro, Gasparina entre outros.

Portanto, para pensarmos a “festa de Manuelzão” (na novela *Uma estória de amor*) partimos do pressuposto de que estamos diante de uma celebração profunda da festa popular sertaneja de Minas Gerais, uma vez que envolve elementos da oralidade, da religiosidade e do sagrado/profano. Lélia Gonzalez (2024), observou e elaborou sobre um país de proporções continentais forjado nas muitas festas sob seu território. Gonzalez nos fala, em seu livro *Festas Populares do Brasil*, de uma formação cultural a partir de um modelo eurocatólico, e destaca que, no Brasil, essa formação não se dissocia e é entrelaçada por importantes influências africanas e indígenas. A autora fala a respeito de datas festivas que estão no calendário nacional, como: o Natal, o Carnaval, o São João e a Aleluia, que terão desdobramentos e interferências distintas em cada lugar em que se encontram essas manifestações e seus brincantes. E Gonzalez nos alerta:

Todavia, quando analisamos de perto, verificamos uma espécie de ruptura dos limites impostos pelo modelo dominante. A intervenção de formas procedentes de outros modelos culturais – africanos e indígenas – torna-se crucial para compreensão da dinâmica das festas populares brasileiras (Gonzalez, 2024, p. 46).

Cada festa representa tradição mas também representa ruptura e contestação ao sistema. Ao longo da história foi se construindo formas de resistir e coexistir diferentes cosmovisões, e por isso as brincadeiras e as festas são parte fundante deste movimento de constituição de um povo, que não é homogêneo e não tem uma identidade única.

Assim sendo, e com tais inspirações dos estudos profundos de Gonzalez sobre festas brasileiras, neste trabalho buscamos analisar a relação entre a festa na literatura do escritor João Guimarães Rosa, na novela *Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)* e a festa em *O Caminho do Sertão*, uma imersão sócio-eco-literária. Esse evento acontece nos Vales dos rios Urucuia e Carinhanha, universo criativo do escritor mineiro, com início no ano de 2014 abrangendo o território geográfico situado em parte do noroeste de Minas Gerais, entre a divisa com os estados de Bahia e Goiás. Os objetivos específicos são: 1) Compreender as relações entre a literatura de Guimarães Rosa e o evento *O Caminho do Sertão* em cartografia

do território; 2) Analisar o tema da festa na novela *Uma História de Amor (Festa de Manuelzão)*; e 3) Analisar o tema da festa em *O Caminho do Sertão*.

Já no título desta dissertação evocamos a palavra travessia, essa que ficou consagrada na escrita de João Guimarães Rosa, em seu único romance, *Grande Sertão: Veredas*. É travessia a palavra que encerra essa obra. E o que entendemos ou gostaríamos de evocar com esse termo em destaque? Vamos olhar aqui para a definição de travessia de Nilce Sant'Anna Martins no *O Léxico de Guimarães Rosa*:

Ato ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar etc. Longo trecho de caminho ermo. // Palavra muito empregada em GSV com o sentido simbólico de vida, transposição de etapas. É a última palavra do romance, que é uma travessia pelos caminhos da imaginação, da reflexão, da arte. (Martins, 2020, p.500)

Como muitas das palavras escolhidas por Guimarães Rosa, essa também é uma palavra que se refere à geografia, ao território, mas sobretudo ao interno, ao metafórico. A travessia é o que nos atravessa, é viver a experiência e aqui já evocamos outro conceito que nos será muito importante, o da experiência, que para Walter Benjamin tem o sentido da vida vivida, transpassada, que tem relação com o encanto da palavra, narração, a capacidade de narrar o que foi vivido e atravessado. Como podemos observar nas palavras do autor:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes estes dois grupos. 'Quem viaja tem muito que contar', diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país e que conhece suas histórias e tradições. (Benjamin, 2011, p.198)

Para cumprir os objetivos propostos, pensando a experiência no sentido aqui percorrido, dei início a uma espécie de inventário de minhas imersões ao campo que estava sendo construído. Inicialmente, rememorei as minhas visitas anteriores ao ingresso no Programa de Mestrado Estudos da Condição Humana, nos anos 2018, 2022 e 2023; e notas mais orientadas do campo para o momento do mestrado, iniciado em 2024 e finalizado em 2026. No quadro abaixo, apresento uma cronologia de idas ao campo, antes e durante a realização desta pesquisa.

Tabela 1 - Imersões ao campo

Imersões ao campo		
Evento:	Local:	Data:
Semana Rosiana	Cordisburgo-MG	Julho de 2018
O Caminho do Sertão VII Edição	Sagarana a Grande Sertão: Veredas	Julho de 2022
O Caminho do Sertão VIII edição	Sagarana a Grande Sertão: Veredas	Julho de 2023
CineBaru ⁵ VII Edição	Sagarana-MG	Setembro de 2023
O Caminho do Sertão IX Edição	Sagarana a Grande Sertão: Veredas	Julho de 2024

Fonte: elaborada pela autora

Assim sendo, e como descrito no memorial acima, a viagem (Ianni, 2003; Onfrey, 2009) fez-se necessária para o entendimento da obra de João Guimarães Rosa, mas também como parte fundante da metodologia que aqui proponho como espaço de encontros, tal como, Maria Fernanda Miranda (2023), quando descreve o pensar pelo corpo da *Andarina*, uma vez que olhamos para um território fértil em pensamentos múltiplos, ouvindo mulheres que desaguam na cultura popular, assim como podemos beber das fontes deixadas por Maria Fernanda Costa Miranda:

Ancorado numa cosmopercepção de integração entre corpo-território percebido pelo ato concreto do caminhar e o significado de deslocamento nesse sertão geraizeiro, *Andarina* foi percebida como um conceito multifacetado que aciona um sentir-pensar. Dando corpo ao suceder de *Andarina*, a proposição da ação performativa com as onze mulheres de linhas reivindica um olhar para essa região de cerrado a partir das expressões e corpos das mulheres que vivem de forma imbricada com os rios, matas e veredas. Uma coletividade que reinventa a si mesma para fazer frente à monocultura de mentes que adentra a região. (Miranda, 2023, p. 112)

⁵ CineBaru é um festival de cinema em meio ao sertão, acontece uma vez ao ano desde 2017, um festival de cinema idealizado por ex caminhantes d'O Caminho do Sertão o Coletivo Ecos do Caminho, com o propósito "Levar o sertão ao mundo, trazer o mundo ao sertão." Ver mais informações em: <https://cinebaru.com.br/> acessado 15/01/2026.

Colhendo também as palavras plantadas por Barbosa (2018) para pensar a viagem em confluência com o *Transbordar*, metodologia aqui adotada, destaco o corpo-pesquisador em entrelace com o corpo-território para pensar a relação dessa escrita a partir do movimento, da experiência e do corpo, como destaca o autor doravante uma citação de João Guimarães Rosa:

“Mas, então, para uma safra razoável de bizarrices, reaconselho de o senhor entestar viagem mais dilatada.” Transpor o espaço do livro por “uma viagem mais dilatada” é “dar corpo ao suceder” e ir ao encontro de “matérias vertentes” — é colocar o corpo do pesquisador em movimento, em experiência sensorial com o sertão rosiano contemporâneo, para absorver as sabedorias das pessoas e suas angústias, acompanhar seus processos criativos e lúdicos, perceber a vida que anima o espaço geográfico. (Barbosa, 2018, p. 17–18)

Transbordamentos, travessia, rios que desaguam, que transformam, sem medo de errar, construir caminhos conjuntos, escutar os sentidos todos do corpo, intuição, ousar sonhar outro mundo possível onde caibam todos os mundos, “sustentar o céu” (Kopenawa, 2015), “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019) é uma tarefa coletiva e interdisciplinar. A palavra transbordamento nos remete ao rio, ao fluxo do conhecimento, ultrapassar as bordas, sair das caixinhas, fluir assim como a água que muda constantemente seu fluxo, abrir veredas na secura do sertão.

Tanto *Andarina*, de Miranda (2023), como o “colocar o corpo do pesquisador em movimento, em experiência sensorial com o sertão rosiano contemporâneo”, de Barbora (2018), dialogam com a proposta do *transbordar*, ir além das margens, pisar nesse chão e ouvir vozes múltiplas do território, dançar e festejar com a multiplicidade de corpos e pensamentos. Para tudo isso é necessário um olhar interdisciplinar.

Em um programa interdisciplinar, como este em que esta pesquisa está inserida, procuramos fontes para além das disciplinas, olhar no avesso do bordado, aprender com o processo, com os erros. É na errância, no andar sem direção e sem rumo que nos deparamos com o imprevisível, com o ainda não descoberto, saindo da engrenagem do sistema para encontrar nas frestas, nas ranhuras o que não é óbvio. Pois, as viagens sempre compuseram a história da humanidade, não menos dos cientistas sociais quando estudam, pesquisam e ensinam, sempre à procura do outro ou do “eu”, atravessando fronteiras e épocas; a viagem é física, ao caminhar, atravessar fronteiras ou criar outras fronteiras; é metáfora quando nos possibilita fluxos imaginativos e reflexivos (Ianni, 2003). Tal como nas palavras de Michel Onfray, “a arte da viagem exorta a uma ética lúdica, a uma declaração de guerra ao controle e à cronometragem da existência” (Onfray, 2009, p. 15).

Brincar, encantar, sonhar, devanear. A arte tem muito a ensinar para a ciência sobre um modo de estar de corpo presente e de corpo inteiro, como uma criança que segura um barbante na ponta dos dedos do pé para construir um brinquedo, que puxa a outra ponta com os dentes para esticar e enroscar sua engenhoca. É com essa imagem de criança brincando e criando sem uma utilidade mercadológica, assim como Ailton Krenak (2020) nos lembra, que a vida não é útil. É da condição humana na nossa breve passagem na Terra e na nossa única certeza de vida possível, fazemos dessa vida brincadeira, se arriscando para além do óbvio. É pensar fora do fluxo, às vezes nadar para as margens, colocar o corpo para jogo, olhar para referências que não aprendemos na escola.

A errância é fundamental, o flâneur, o vadio, caminhante sem rumo, assim como coloca Japiassu, “ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método” (Japiassu, 2016, p. 05). Soltar as amarras das disciplinas, quebrar correntes que nos aprisionam a um pensamento colonizado. Assim como uma semente que cai no solo e não se importa se vai vingar, virar uma árvore ou comida de passarinho, colocar nossas sementes no mundo sem medo do que elas podem vir a ser, ter coragem de semear sem contar com o “sucesso” de cada semente que colocamos no mundo.

Ser baobá, em que o saber é construído coletivamente assim como aprendemos olhando para saberes que vieram de África, uma árvore grande como baobá depende de fortes raízes, tronco firme e quanto mais velho maior, de muitos galhos e folhas jovens e verdinhas, assim é o conhecimento construído por toda uma comunidade guardado de muitas formas que não apenas em páginas de livros, em bibliotecas vivas, mestres griôs, como elucida Leda Maria Martins:

No século XIX, um gigantesco embondeiro (ou baobá) erguia-se, ainda majestoso, em Boma, capital do reino do Zaire. Datada de aproximadamente quatro mil anos, a árvore assombrava os viajantes ocidentais que nela grafavam seus nomes e mensagens. Sinédoque e metáfora do corpus territorial e cultural africanos, esse baobá testemunha espetacularmente o vigor das fundações e raízes africanas e a permanência de seus textos, mesmo quando atravessados pelo palimpsesto do outro. (Martins, 1997, p.26)

Riobaldo, velho griô e narrador-protagonista do livro de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, nos ensina que no sertão a vida não se faz no início, nem no fim, ela se apresenta para gente é na travessia. Nesta direção, e tentando aplicar o ensinamento de Riobaldo, busca-se percorrer o caminho pensando que para transpor a complexidade das nuances apresentadas na travessia, essa que não se faz sozinha, terei que transbordar as ideias, deixar que elas se misturem nos fluxos fluviais de outras mentes, corações e entranhas.

Deambular pelas palavras-ideias, de tal modo que possamos encontrar, enfim, as que melhor irão compor este estudo.

Transbordar, pode ser essa palavra que estamos procurando? Podemos pensar também nas encruzilhadas, que não tem borda nem limites, tem caminhos abertos, possibilidades que se encontram e se separam. Para pensar a *encruzilhada*, Leda Maria Martins argumenta:

Na complexidade de sua textualidade oral e na oralitura da memória, os rizomas africanos inseminaram o corpus simbólico europeu e engravidaram as terras das Américas. Como o imbondeiro africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações. (Martins, 1997, p.26)

Sendo assim, as culturas populares nas Américas têm como lugar fundante as encruzilhadas, como define Leda Maria Martins. Não podemos pensar nas festas populares sem olhar para as encruzilhadas e essas são lugares de travessias, de passagens entre mundos, em muitos aspectos, nos encantamentos das estórias, narrativas de um povo. Nas encruzilhadas também vive a Oralitura⁶. A autora ainda evoca o sentido sagrado da encruzilhada:

Nas elaborações discursivas e filosóficas africanas e nos registros culturais delas também derivados, a noção de encruzilhada é um ponto nodal que encontra no sistema filosófico-religioso de origem iorubá uma complexa formulação. Lugar de interseções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Èsù Elegbára, princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento. Como mediador, Èsù é o canal de comunicação que interpreta a vontade dos deuses e que a eles leva os desejos humanos. Nas narrativas mitológicas, mais do que uma simples personagem, Èsù figura como veículo instaurador da própria narração. (Martins, 1997, p.27-28)

Nesse sentido, falar de festa e falar de narração, de encantamento pela música, dança e oralidade, passa necessariamente pela encruzilhada. Não só passa, como ali faz sua morada, onde acontecem os encontros, as trocas e a vida. No sentido mais complexo e misturado, pretendemos aqui seguir uma metodologia que caminhe nas encruzilhadas, escutando os cantos desafinados e dançando descompassado como nos incentivou Antônio Bispo dos Santos:

Quando nós falamos tagarelando e escrevemos mal ortografado, quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassados, quando nós pintamos borrando

⁶ Leda Maria Martins (2023) define Oralitura como um conceito teórico-metodológico que designa as performances orais e corporais enquanto sistemas de inscrição de saberes, nos quais gesto, voz e corpo grafam memórias, histórias, cosmovisões e epistemes. A Oralitura rompe a dicotomia entre oralidade e escrita ao compreender a performance como lugar de produção, transmissão e rasura de conhecimentos, incluindo concepções filosóficas e temporais, como o tempo espiralar, inscritas nas práticas culturais e nas subjetividades coletivas.

e desenhamos enviesado, não é porque estamos errando é porque não fomos colonizados. (Santos, 2021)⁷

Pretende-se caminhar aqui de forma brincante, descompassada, de forma espiralar, portanto não pretende-se uma linearidade, a metodologia aqui é a própria forma da pesquisadora ouvir e acompanhar a literatura e a festa, como um fluxo de pensamento que voa e volta, que dança e caminha dançando, ora para frente, ora para trás e também para os lados. Negando assim uma ideia de progresso.

Olga Pombo (2006) nos fala do progresso da ciência apontando para a fragmentação da ciência nesse percurso; Antônio Bispo dos Santos (2023) questiona a palavra progresso, desafiando a pensá-la como um atraso, justamente o contrário do sentido colonizado dessa palavra. Colocar a ciência de cabeça para baixo, deixando evidente que não queremos esse progresso fragmentado, queremos ciência de rupturas, de revoluções e não de progressões.

Portanto, arrisco aqui propor um *transbordar*, um brincar nas águas da sabedoria e encarar a complexidade dessa relação que ao mesmo tempo é profunda e superficial, é brincar e é coisa séria. Porque brincar é coisa séria. É transpor e entrar de corpo inteiro na atitude/prática transbordante.

Seguindo nessa toada, convido Ivani Catarina Arantes Fazenda para a roda. A autora nos mostra uma perspectiva de interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento. Ela nos provoca a olharmos a interdisciplinaridade não como um apanhado de disciplinas, mas como uma atitude, uma postura, e neste sentido, entendo como uma postura ética e uma atitude revolucionária.

Só uma caminhada reflexiva e crítica levando um olhar ao mesmo tempo introspectivo e retroativo, mas, interativo no sentido profundo de sua ambiguidade permitiria o efetivo exercício da interdisciplinaridade, onde prática e didática se interligariam. (Fazenda, 2015, p. 1)

Se deixar ser atravessada pela dança metodológica proposta por Fazenda, expandindo sua ideia quando fala que a formação interdisciplinar de professores, na realidade deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar, trazendo a interdisciplinaridade para um movimento circular, podemos considerar também o pensamento espiralar de Leda Maria Martins (2023), ou o começo meio começo, como nos ensinou Antônio Bispo dos Santos (2023).

Seguindo por outras trilhas, abrindo caminhos sonhados por outras culturas, deixar o ocidente e adentrar outras perspectivas é necessário para expandir horizontes. Esta pesquisa

⁷ Poesia declamada por Antônio Bispo dos Santos durante sua palestra na quinta edição do evento Mekukradjá e disponibilizada no Canal Itaú Cultural no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw> Acesso em 06 de janeiro de 2026.

tem por território o sertão geraizeiro, que é povoado por quilombolas, indígenas Xakriabás⁸, ribeirinhos e veredeiros⁹, pessoas sonhadoras e brincantes que misturam arte, teoria, política, espiritualidade, em que as formas de vidas e culturas diversas coexistem a gerações sem a intenção de dominação de nenhuma delas. Nesta direção, de antemão, reconhecemos a tensão que tal movimento implica, pois estamos falando de pessoas que, na maioria das vezes, ainda são excluídas historicamente de lugares como a universidade; e mesmo quando nela estão, acabam por sentir o forte peso das desigualdades socioeconômicas, de gênero e étnico-raciais, e também desigualdades ambientais.

Transbordar as epistemologias seria olhar para além do ocidente. Ainda é difícil fazer o exercício de olhar a construção do conhecimento para além da visão cartesiana e positivista, talvez a festa seja um possível caminho. Não separar o corpo da mente, colocar o corpo para dançar aos sons dos tambores, caminhar e pisar na terra pode nos ajudar a ver por outras perspectivas. Vamos pelas próximas páginas dançar com as ideias, brincar com as palavras e buscar trilhar nossos próprios caminhos e narrativas em travessia.

Com intuito de desenvolver uma metodologia transbordante bebemos aqui de diversas fontes, como caderno de campo, da pesquisadora e da Rosa Amélia Pereira da Silva, como também de uma espécie de caderno de fotografias, esse construído e compartilhado coletivamente. No evento *O Caminho do Sertão*, todos os anos uma pessoa da organização fica responsável pelos registros fotográficos, mas também os caminhantes presentes fazem seus registros, cada um com seu olhar singular. Ao final da travessia todos compartilham os registros. Portanto, neste texto, faço o uso de fotos minhas, que foram tiradas de forma amadora com a câmera do celular, e faço uso de registros imagéticos de outras pessoas que estão devidamente identificadas nas figuras correspondentes. Foi feito a análise de mapas e da literatura, além das bibliografias movimentadas para dar corpo ao texto e construir a linha de pensamento compondo, assim, um acervo robusto de materiais para análise que nos permitiu ampliar a visão sobre o tema do sertão em festa, transbordar as ideias, *dar corpo ao suceder*.

No ano em que João Guimarães Rosa¹⁰ escreveu *Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas*, ambos lançados em 1956, era o mesmo ano do início do projeto da capital Brasília. Acompanhando todo impacto deste grande desenvolvimento para o cerrado, o projeto transferiu a capital do país para o planalto central. Essas duas obras literárias são

⁸ Essa é uma região Xakriabá ver mais em Revista Manzuá através do link:

<https://manzua.eco.br/revista/tecendo-historia-xakriaba/>.

⁹ As pessoas que vivem tradicionalmente às margens das veredas se auto nomeiam “veredeiros”.

¹⁰ João Guimarães Rosa (1908-1967). Nascido em Cordisburgo-MG, se formou em medicina e foi diplomata, escritor reconhecido mundialmente, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, em 1967.

reconhecidas como uma espécie de relicário do mundo moderno destinadas a guardarem os enigmas de uma sociedade em transformação. Dentre os enigmas que a modernidade propõe, nos seus vários séculos de desenvolvimento, a viagem será aqui uma das possibilidades de reflexão neste nosso caminhar, pois, inevitavelmente, a história da humanidade foi atravessada pela viagem, seja como forma de conhecer o “outro”, seja como uma maneira de conhecer a si próprio. Como escreveu Octávio Ianni, “é como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual” (2003, p.13).

O escritor João Guimarães Rosa fez um estudo de campo minucioso anotando o nome de muitas aves, plantas, rios e palavras de pessoas que viviam, festejavam e amavam no sertão mineiro, e ainda muito do que Rosa escreveu e compilou em sua obra se encontra nesse sertão adentro, assim como o próprio Riobaldo, personagem narrador da obra *Grande Sertão: Veredas*, alerta e convida o doutor da cidade: “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra” (Rosa, 1994, p.37)

Ao longo da viagem, olharemos para esse “sertão rosiano” contemporâneo, buscando pistas para entender suas transformações e urgências, partindo da literatura e colocando em foco narrativas de pessoas que vivem hoje no território rosiano. Tal território transcende a geografia e abarca principalmente uma rede de pessoas que de alguma forma transitam o universo da literatura e do território. Como nos mostra Barbosa (2018):

Em uma rede fiada por vários elementos (Literatura - ONGs - Casas de Cultura - Cerrado - Buritis - Lideranças Locais - Unidades de Conservação - Pesquisadores - Ambientalistas - Mestres da Cultura Popular - Veredas), seu nó central produz uma complexa narrativa sobre o “lugar”, assim como propunha Milton Santos, um lugar de possibilidades, onde “outros mundos podem ser criados”. (Barbosa, 2018, p.27)

Dentre os diversos atores que atuam na rede rosiana (Barbosa, 2018), vamos nos atentar aqui a *O Caminho do Sertão*, uma caminhada eco social literária que acontece anualmente, no mês de julho, entre Sagarana (distrito de Arinos-MG) e o Parque Nacional Grande Sertão: Veredas. Tal caminhada nasceu, em 2014, como um desdobramento do Festival Sagarana, um festival de arte, cultura e política que já acontecia no território. Em sua tese, Barbosa (2018), nos apresenta um panorama importante para entendermos o caráter de constituição d’*O Caminho do Sertão*, como uma dança entre os “de fora” e os “de dentro”:

Virtualmente ou potencialmente, o Caminho, o próprio caminhar, funciona como uma espécie de “cerimonial” da rede rosiana, ritual onde se dá o “fluxo” ou “troca”

dos corpos. Menos como não-lugar turístico e mais como uma ilha no espaço e no tempo para praticar a diferença, um mergulho em uma terceira margem multi-afetiva. Corpos que giram, trocam de perspectiva, bailam, atravessam mundos, adquirem outros tipos de visão e de percepção: os “de fora” assumem o ponto de vista dos “de dentro”, ativando a categoria nativa do “movimento”, travessia como forma de conhecimento e interação; os “de dentro” caminham juntos com os “de fora”, alterando também sua perspectiva, deixando de serem vistos e “visitados” para visitar, para observar, atravessar e serem atravessados. (Barbosa, 2018, p. 124 e 125)

O Caminho do Sertão traz o lema “Pelo cerrado e suas culturas em pé (de pé)” e, com esse lema, um histórico de luta, resistência e denúncia de pessoas da região e muitas pessoas de fora, apaixonadas pela obra de Guimarães Rosa e pelo cerrado, que, adentram o sertão em outro tempo e ritmo, observando a destruição ocasionada pelo agronegócio e ouvindo as narrativas das pessoas que vivem e resistem com o intuito de “manter o cerrado em pé”, como se diz na região. Vê-se nesta travessia a construção de diálogos operacionais que se articulam entre a literatura e a geografia (Barbosa, 2018; Miranda, 2023), a literatura e a sociologia (Ianni, 1998), a arte e a história (Benjamin, 1993; Miranda, 2023). Em sua tese de doutorado intitulada *Andarina: Por uma poética de travessia sertão dos Gerais adentro*, a pesquisadora-caminhante Maria Fernanda Costa Miranda, nos diz que o cerrado,

É conhecido também como berço das águas, por conter em seu solo os três maiores aquíferos de nosso continente sul-americano: o aquífero Guarani, o Bambuí e o Urucuia. Este último localiza-se nessa região noroeste de Minas Gerais, formando o Vale do Rio Urucuia. (Miranda, 2023, p.36)

Assim, a experiência humana acontece neste cerrado que “ocupando um quarto do território brasileiro no abrigo de 12 mil espécies de plantas, o sertão cerratense é considerado popularmente como uma farmácia a céu aberto” (Miranda, 2023, p.36). Cerrado atraente e atrativo para o desenvolvimento de monoculturas do agronegócio, visto até então como projeto de “progresso”, mas que ameaça a vida dos pequenos agricultores familiares e do próprio cerrado. Experiência que nos coloca num cenário de expectativas na conjugação de passado e futuro, e que não acontece fora da dimensão literária rosiana, o texto-lugar da imaginação também confronta e é confrontado com a realidade social capitalista do agronegócio.

Como observa o sociólogo Octávio Ianni, neste encontro da narrativa literária e narrativa sociológica “tanto o escritor como o sociólogo são levados a delimitar, selecionar e taquigrafar para compreender, interpretar ou conhecer” (1998, p. 61). Nesse sentido, é impossível não olharmos para a história que construiu a nação, a sociedade pois, tal como salienta Ianni (1998), a literatura e a sociologia sempre foram desafiadas e influenciadas a pensarem o seu tempo, a sua nação. Todavia, nossa consciência acerca do que aconteceu antes

de nós acontece desvinculada do que está por vir. Carlos Rodrigues Brandão dirá que, “essa quebra de uma continuidade entre a experiência de passado e as expectativas de futuro, ajuda a emergir à consciência moderna do tempo a ideia de progresso” (Brandão, 1998, p.29). A ideia de progresso pode ser aqui pensada à luz de Walter Benjamin, como vimos (na tese 9), em *Sobre o conceito de história*:

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Benjamin, 1993, p.226)

No sertão, essa tempestade chamada “progresso” chegou em outra velocidade. O que estamos acostumados a observar nas zonas costeiras com as invasões europeias e implementação do capitalismo, acontece em outro tempo sertão adentro. Essa disputa gira em torno das fontes primárias de água potável. O cerrado, como bioma antigo e guardião de grandes lençóis freáticos, cumpre esse papel importante, que fica frágil com a entrada abrupta da monocultura e grandes extrativistas.

Essa ideia de progresso constrói uma visão homogênea de um Brasil único. Pretendemos com este trabalho narrar o Brasil como brasis, múltiplo e colorido, pela perspectiva de brincantes, festeiras, fiandeiras, bordadeiras, cantadores e entre outros, que desbancam o modelo dominante com suas formas de elaborar a vida.

É pela perspectiva da festa e da cultura popular como formação desse território que trabalharemos a seguir, convidando autoras e autores que caminham conjuntamente para o caminho contrário ao progresso aqui contestado.

3. A festa de Manuelzão na novela de Guimarães Rosa

Por festa. Festa devia de ser assim: o risonho termo e começo de tudo, a gente desmanchando tudo, até o feito com seu suor do trabalho de sempre; e sem precisar, depois, de tornar a refazer. Que nem com as estórias contadas. Chegava na hora, a estória alumiaava e se acabava. Saía por fim fundo, deixava um buraco. Ah, então, a estória ficava pronta, rastro como o de se ouvir uma missa cantada. (ROSA, 2016, p.161)

Um viajante contador de estórias, essa é a imagem que tenho de João Guimarães Rosa. Foi assim que fui capturada pela *magia rosiana*. Quando ouvi sobre o *narrador* em Walter Benjamin, a narrativa como arte de passar conhecimento por gerações, pensei logo em João Guimarães Rosa, que é um escritor conhecido por sentar e ouvir, velhos, adultos e crianças, adentrar a outros mundos através das narrativas.

João Guimarães Rosa caminhou e parou, em silêncio acompanhado de seu caderno de campo, ouviu os mais velhos, anotou suas formas de narrar o mundo, observou as crianças, entendeu as formas de brincar e de estar no mundo em contato com o chão.

Como bem podemos ver em *Manuelzão e Miguilim*, uma novela retrata o velho e a outra, a criança, coabitam no mesmo livro, trazendo as questões e as magias desses dois tempos de vida. Quando se caminha pelo sertão do Gerais muitos Miguilins aparecem pelo caminho, como também muitos Manuelzões são reconhecidos. Personagens que já estavam no território antes mesmo de Rosa caminhar e anotar em seus cadernos de campo, e seguem contando e vivendo histórias além dos livros e hoje misturando literatura e cotidiano.

Uma estória de amor (Festa de Manuelzão), no livro *Corpo de Baile*, junto com *Campo Geral - Miguilim*, representam, portanto, o velho e a criança. *Corpo de Baile* foi lançado em 1956, como um grande livro com sete estórias¹¹. Além de *Campo Geral* e *Uma estória de amor*, também estavam *Lão-Dalaão (Dão-Lalão)* e *Buriti*, que mais tarde foi reeditado como *Noites do Sertão* e, por fim, *O recado do morro*, “*Cara-de-Broze*” e *A estória de Lélío e Lina*, que na edição seguinte saiu como livro intitulado, *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Foi uma obra extensa que, nas edições seguintes, saíram como três livros separados.

Uma curiosidade sobre essa obra é que ela foi publicada quase 10 anos depois que Guimarães Rosa lançou a primeira publicação de contos *Sagarana* (1946). Em 1947, o autor publica um relato de viagem, *Com o Vaqueiro Mariano* (1947). No mesmo ano de publicação

¹¹ João Guimarães Rosa utiliza a grafia ‘estória’ para diferenciar de ‘história’. Segundo *O Léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant’Anna Martins: “Estória é narrativa de ficção, conto” (Martins, 2020, p. 209). Estória para Guimarães Rosa carrega o encanto, o arrebatamento para outro plano, o plano do encantamento.

de *Corpo de Baile* (1956), Rosa publica seu único romance que entra para história da literatura mundial, *Grande Sertão: Veredas*. As duas obras publicadas, em 1956, são frutos das anotações nas cadernetas que Rosa fez na viagem com a comitiva que levava a boiada conduzida por Manuel Nardi (Manuelzão), na região de Cordisburgo (cidade natal de Rosa), em 1952. O sociólogo Carlos Rodrigues Brandão viajou para o sertão de Minas Gerais e conheceu Manuelzão Nardi, com quem conversou e coletou muitas informações a respeito de João Guimarães Rosa e da expedição de 1952. Como podemos ver na fala a seguir do próprio Manuelzão Nardi, registrado por Brandão:

Eu conheci o João Rosa em 1952. depois eu conheci e viajei com ele; ele ficou aqui uns 45 dias. Foi um tempo que eu não tinha... eu tava juntando uma boiada, porque eu tomava conta de uma fazenda que era dum primo dele... E nesses 45 dias, toda pessoa que ele quis conhecer e que tem o nome naqueles livros, foi. Tem alguns que ele mudou o nome, não resta dúvida. Mas eu pegando o livro, eu ainda recordo quem é que é que é... que é que é cada um. Mas a gente vai indo até que passa e não conhece mais ninguém. E, além de tudo, a cabeça é pequena pra caber tanta coisa. Mas a gente ainda recorda muita coisa, aquelas estórias que ele tem no livro. (Brandão, 1998, p.226)

Figura 2 - Travessia da boiada de 1952



Fonte: Foto de Eugênio Silva/O Cruzeiro

Conforme Brandão (1994), o autor se alimentava da vida cotidiana para escrever as suas histórias. A fala e a percepção de Manuelzão Nardi reforçam essa percepção sobre Rosa. Na criação de alguns de seus personagens, Guimarães Rosa não mudava nem mesmo o nome. É o caso do próprio Manuelzão, que foi um personagem vindo diretamente da realidade, do sertão mineiro para o sertão rosiano. Inspirado em Manuel Nardi, que na ficção ganha outro sobrenome Manuel Jesus Rodrigues, contudo os dois são conhecidos como Manuelzão.

Ao estudar João Guimarães Rosa pude perceber que literatura e vida vivida se entrelaçam o tempo inteiro, assim como o Manuelzão da ficção e o Manuelzão que conduziu a boiada, em 1952, com João Rosa, como o sertanejo o chamava.

João Guimarães Rosa nos introduz à narrativa apresentando a geografia e também o anfitrião da festa, Manuelzão. Na novela, a festa que faz a vida acontecer e que vai até ao amanhecer é o encontro, é a potência das narrativas das histórias contadas, da fé, da música e da dança, que tece a vida cotidiana. Ela começa justamente assim: “Ia haver a festa. Naquele lugar — Nem fazenda só um reposto, um currais de gado”(p.123) situando o leitor para o que viria e qual era a localização, assim segue descrevendo uma geografia que existe e não existe, que é real mas é ficcional, “Na Samarra”(p.123).

Manuel Jesus Rodrigues (Manuelzão) daria a festa para benzer a capela feita como último pedido de sua mãe, antes de encantar-se. Sobre as características da capela, uma que chama muita atenção é seu tamanho, como descreve o autor logo no início da novela: “Dentro, dez pessoas talvez não pudessem estar, ainda apertadas. Mas, revezando-se, mexia-se por lá multidão de mulheres, que colocavam os adornos.” (Rosa, 2016, p. 123). O tamanho da capela não simboliza o tamanho da fé das pessoas envolvidas no festejo, como apresentado pelo autor aqui nesse trecho.

Manuelzão não era dono das terras da Samarra, as terras eram de Frederico Freyre, este sim, homem de muitas posses. Manuelzão era administrador e quase sócio, mas Frederico Freyre não aparecia, nem uma vez por ano, e as pessoas das redondezas reconheciam Manuelzão como único dono visível e o respeitavam.

Depois da morte da mãe, Manuelzão foi buscar um filho de nome Adelço que havia deixado em terras distantes. Da mãe de Adelço, Manuelzão não se lembrava nem o nome. Adelço já era um homem adulto casado com Leonísia, tinham sete meninos, o mais velho com sete anos. Adelço veio morar na Samarra com toda sua família, mas não tinha uma relação de respeito ou cumplicidade com o pai. Já Leonísia era cuidadosa e muito prestativa, cuidava de Manuelzão como se fosse o seu próprio pai.

Por que os trouxera? Talvez na ocasião tivesse imaginado que a Samarra ia ser eu esteio de pouso, termo de destino. E ele mesmo, nas entradas, se louvou de ter conseguido reunir para si aquela família de tardezinha. Estivesse, naquela hora, denunciando cabeceira de velhice? Não pensava. Nem agora chegava a mudar de parecer, do que tinha feito não se arrependia. Essas coisas ocorrem nuns escuros, é custoso de saber se a gente deve se aprovar ou confessar um arrependimento: nos caroços daquele angú, tudo tão misturado, o ruim e o bom. Mas ele não punha em pé o pesar. Estava bem, só que, em qualquer novidade, nesta vida, se carece de esperar o costume, para o homem e para o boi. (Rosa, 2016 p.130)

Assim, como Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, Manuelzão está fazendo um balanço da sua vida ao chegar na velhice, aos sessenta anos, na primeira metade do século passado, já era a velhice. Não estamos lidando com os mesmos referenciais do século XXI. Portanto, na Festa, Manuelzão tinha muitas razões para celebrar. A chegada tardia de seu núcleo familiar, a consagração da capela, a saída da boiada, a legitimação diante da comunidade e de reconhecimento de seu poder local, a festa como ritual de passagem para um outro momento da vida, não mais nômade. Manuelzão se preparava para o que possivelmente era sua última travessia com a boiada, dali desejava passar o bastão para seu filho.

Na estória existe um evento decisivo, foi quando o riachinho secou. Esse riachinho era uma nascente que caía no Córrego das Pedras, que desembocava no rio de Janeiro que mais adiante fazia barra no rio São Francisco. A casa foi construída bem ao lado do riachinho e nem bem um ano depois aconteceu:

Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciosinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. (Rosa, 2016 p.131)

Era como um mal presságio, o local foi estrategicamente escolhido para viver ali ao lado do riachinho, porque é perto da água que se vive, mas ele secou de uma hora para outra, o silêncio e o vazio invadiram aquelas vidas. Esse é o grande momento de virada da estória, a festa só se deu porque o riachinho secou. Manuelzão entendeu aquele evento como uma cobrança de cumprimento de promessa. A festa que havia prometido à sua mãe, como forma de inauguração da capela, ele devia cumprir agora.

“Era como se um menino sozinho tivesse morrido” (Rosa, 2016, p. 131). O riachinho tinha vida e lugar naquela família, foi uma tristeza que assolou a vida de todos. Pode-se ver aqui relações de afeto que não se dão apenas entre humanos, o Riachinho tinha uma parte importante na família, era parte fundante daquele bem viver.

Foi quando chegou o velho Camilo, tinha “oitenta anos para fora”, visto como um “coitado”, mas que mais tarde se revelaria um grande contador de estórias, qualidade maior

que há na região, companheiro de vida de Joana Xaviel. Juntos carregavam em suas bagagens muitas histórias, e passavam de excluídos para ter um certo prestígio naquele meio em que viviam, eram reconhecidos pela qualidade de carregar histórias.

Para a festa chegava gente de todo canto, desde o padre com maior pompa e fazendeiros importantes na região até andarilhos que pediam esmolas nas redondezas. Mas, o autor opta por dar mais ênfase para as histórias dessas personagens de menor prestígio social, como João Urúgem, um eremita que vivia sozinho há tanto tempo que perdeu os trejeitos sociais: “Ele não sabia mais falar corretamente com os outros, parece que chorava pensando que estava rindo” (Rosa, 2016, p.136). Mas ao longo da história se mostrou um bom ouvinte.

Tinha também o oposto, como o senhor Vilamão, um escravocrata da região que não deixou os costumes antigos e andava por aquelas terras com seus serviçais. Este passa pela novela quase que só anunciado como uma pessoa de menor importância, apenas marcando sua existência e carregando consigo marcas vergonhosas da história oficial.

Chegavam também os vaqueiros com suas boiadas. Era ali que iriam juntar uma quantidade de bois para depois da festa saírem em travessia para levar até cinco compradores diferentes ao longo do caminho até o Goiás, era a travessia do sertão. Todos que chegavam, Manuelzão recebia com comida e muita bebida, o preparativo para festa já era a própria festa. Manuelzão esperava ficar bem falado depois de tanto ofertar.

Tantos sendo: os vaqueiros, as famílias; barranqueiros, vazanteiros, veredeiros, geralistas, chapadeiros, total das mulheres e crianças; moços e moças; ramo de gente da outra banda do Rio; catrumanos de longe. Os amigos dos vaqueiros, os parentes. Os do mundo. Iam como para uma tomação. Aonde a Capelinha, no lugar que a mãe soube que era próprio, mas que ele Manuelzão aperfeiçoara, roçando, construindo, pondo pronto, o chão lido de limpo. (Rosa, 2016, p.165)

A festa estava se formando, de gente vindo de muitos lugares, aproveitando padre que vinha de longe para rezar a primeira missa da capelinha e ali já fazer três casamentos, assim inicia uma boa confusão de festa, em meio às músicas, brincadeiras, leilão, e muita alegria, as histórias de Seu Camilo e Joana Xaviel trazem o encanto do festejo. Em meio a leitura, a história de uma outra festa se entrelaça com a festa que está acontecendo na Samarra, como um caracol que se enrola em si mesmo, um tempo espiralar emprestando aqui o termo utilizado por Leda Maria Martins.

A novela é rica em poética, em que podemos rir e chorar em um mesmo trecho, como no momento em que Seu Camilo inicia sua grande história final sobre um boi encantado e descreve os nomes dos milhares de homens que se reúnem para sair em busca do tal boi:

Antônios; Ascenço; Aroeira e Agarra-a-Tabica; Aziano, filho de Ázio; Arrudão; Alamiro Jó de Freitas. O Bo; Birinício; Bastião, do Brejo-preto —montado num lionanco. Cérjo de Souza Vinagres. Duque; Dativo; Doêz; Domitilo Sem-Cabelo.

Estanislau das Marias. Fagundes, velho serrano; Farroma e Ferreira Figo; franciscos- chicos chamados. Graciano Mão-Comprida. ("_É do Rio Pandeiros! Bebe água sem razão:é do Rio Pandeiros!"); um gustavo. Helias, pardavaz maludo, groteiro e filho de padre. Ilídio, Irino, Idalino; Inácio Vidú do Guedes. Jordão de Tal, sem costumes; mais de cinquenta josés! Caciquinho; Carapeba. Laerte, com altas botas: couro de sicurijú; Landolino; Laurentino; Luiz da Silva Safado. Miguéis, manuéis, Mandurino; Menelão e Milicão; Mendonço será que estava? Nolasco; Noêncio, grande aboieiro. Olavo; Ogão; Olereno; e Orozimbo, separado – por ser de marca maior. Protasio; pedros (quarenta-e-cinco); Ponciano. Quins; Quintino — homem agreste, bom vaqueiro de jornal; quarteado era o rucilho que João Quitério amontava. Os raimundos; Rodemiro; mais o Reinério, urucúio, e o Rogoso, urucuião. Sisnando Corre-nas-Lajes; Silurino; Sás - vaqueiro gorotubano, que se feito nas Jaibas. Totó da Fazenda Arcanjos; Tio-í— vaqueiro vaqueal. Ursulino mais Uzante- vermelha cinta de lã, uma cruz no arção dianteiro. Vaz; Vicente Galamarte. Xisto, velho topador.(Ypsilône não tinha.) Zorô, Zé Sôzinho, Zusa. Til que dê para atilar: setenta joãos e joães!(Rosa, 2016, p.199 e 200)

Dessa forma, é brincando com as palavras, com os nomes e os costumes que João Guimarães Rosa reverência a oralidade, trazendo de uma forma brincante para seu texto um jeito geraizeiro de olhar para a vida. Dentre os nomes tem muitos apelidos e alguns comentários sobre a vida pessoal de alguns desses homens. Podemos imaginar duas vizinhas sentadas, ao final da tarde, na frente de suas casas tecendo comentários como: “homem agreste, bom vaqueiro de jornal” ou “Helias, pardavaz maludo, groteiro e filho de padre.” Tudo isso tem um ar cômico e ordinário, no sentido do que há de mais comum no cotidiano, pois, no meio de uma história que envolve realza e um boi encantado, cabe o fantástico e o banal em uma mesma história.

Trouxemos aqui os motivos para se fazer a festa: a consolidação de Manuelzão naquele território, na Samarra, com a fundação da igreja e o evento da primeira missa, o cumprimento da promessa com a fé do retorno do riachinho, a preparação para a saída da boiada. Mas os preparativos da festa tinham que ser feitos por muitas mãos: “Não, ninguém lhe faltaria com o respeito, ali na Samarra ele era o chefe. Só que não percebia os espíritos do mulhierio reunido; e aquele arremate para a festa tinha de ser de muitas mãos.”(Rosa, 2016, p.124).

Essas muitas mulheres que preparavam a festa estavam decorando a capelinha e principalmente preparando muita comida. Todos os convidados comeriam com fartura. Na cozinha, esse lugar sagrado onde as mulheres estavam reunidas, uma figura importante cumpria um papel fundamental, era Joana Xaviel, que trazia com ela o encanto necessário, com suas histórias para que o tempero da comida tivesse a magia da festa, como as contadas por ela, na preparação da festa de Manuelzão: “ – as histórias contadas, na cozinha, antes de se ir dormir, por uma mulher. Essa, que morava desperdida, por aí, ora numa ora noutra chapada – nome dela era Joana Xaviel.” (Rosa, 2016, p.145).

Manuelzão aceitava de escutar as estórias, não desgostava. De certo que não vinha nunca para a cozinha, fazer roda com os outros; ele não gastava lazer com bobagens. Mas, se ouvindo assim, de graça, estimava. As estórias reluziam às vezes um simples bonito, principalmente as antigas, as já sabidas, das que a gente tem em saudades, até. (Rosa, 2016, p.151)

Joana Xaviel era uma contadora de estória que, segundo o narrador, enfeitiça com as palavras quem a ouvia. As pessoas não confiavam nela e julgavam seu estilo de vida porque não tinha um trabalho fixo, não tinha família nem mesmo morada fixa. Era uma caminhante do mundo tecedora de estórias, uma “andarina”, segundo Lindaaura¹².

Como já foi mencionado, *Corpo de Baile* foi publicado no mesmo ano de *Grande Sertão: Veredas*, e o romance carrega um segredo, Joana Xaviel conta uma estória que revela este segredo. Na sua versão tem um final feliz, ela acaba a estória com “nessas glórias, tudo dava certo.”(Rosa, 2016, p.146). Com essa fala deixa sinal de que em outras glórias talvez o final seja outro. Fica aqui um gostinho para o romance que nasce no mesmo ano.

As mulheres do sertão lidam com a vida no cerrado e todos os seus perigos, de homens, onças e cobras, as estórias são recheadas de exemplos de coragem. “Joana Xaviel também era assim. Gente esperta, remacheada, sem trava no cabo da mão.” (Rosa, 2016, p.157). Macho no sertão é sinônimo de coragem, como Diadorim, macho é um jeito de ser não necessariamente uma definição biológica. Uma expressão comum ainda hoje é “café de macho”, um café forte que precisa de coragem para beber.

Por festa. Festa devia de ser assim: o risonho termo e começo de tudo, a gente desmanchando tudo, até o feito com seu suor do trabalho de sempre; e sem precisar, depois, de tornar a refazer. Que nem com as estórias contadas. Chegava na hora, a estória alumiava e se acabava. Saía por fim fundo, deixava um buraco. (Rosa, 2016, p.161)

A festa é a suspensão do tempo, e dos modos de viver, como o carnaval em que as pessoas vestem outras personagens, brincam nas mesmas ruas que outrora foram ao trabalho. Nas festas, o profano e o sagrado se misturam, assim como nas estórias, o tempo e espaço tem outras dimensões. Como quando estive no sertão, dez dias tiveram a proporção de dez anos.

¹² Lindaaura Gonçalves da Rocha, conhecida como Dona Lili, é moradora de Ribeirão de Areia, uma das paradas d’ *O Caminho do Sertão*. Ela fala o que é “andarina” para Maria Fernanda Costa Miranda, uma das condutoras d’ *O Caminho do Sertão*, que defendeu seu doutorado no instituto de Artes da Unicamp, com o título de *Andarina: Por uma poética de travessia sertão dos gerais adentro*(2023).

A ver: o mundo, esta vida, quando descansa de ser ruim, é até engraçada. A festa? Sua era, dele, Manuelzão. Mas, de agora, por tudo, ele não queria mais mandar no governo dela, sua razão. A lá era ele mordomo de festa?! Nenhum algum. Ora, mais, queria era apreciar aquilo, agora solto livre assim no meio, um, que nem não fosse o dono... (Rosa, 2016, p.163).

Ser o dono da festa tem um peso e uma responsabilidade que cansa, que dá vontade de desistir. Manuelzão estava satisfeito com sua festa e feliz de como seria reconhecido depois dessa grande festa, mas estava cansado dessa responsabilidade.

Além das histórias que encantam, assim que termina a missa é servida a comida e todos se preparam para as músicas e danças, os músicos preparam suas rabecas e as todos brincam:

Mas, da banda dos do lundú, era sempre aquela alegria forte, cantando e dansando os assuntos de tristeza:

‘Eu entrei na mata escura:
piado de um caburé.
Ele piava que redobrava:
quereré, quereré, quereré!

Eu entrei na mata escura,
piado de dois mutúns
— piava que soluçava:
tururúm, tururúm, tururúm...

Eu entrei na mata escura,
— piado de dois quem-quem;
piava que soluçavam
— tererém, tererém, tererém...

Eu entrei na mata escura,
piado de um pavão:
piava que redobrava:
pararão, pãrarão, panrarão!...’ (Rosa, 2016, p.193)

A festa segue seu curso, com muita vida, bebida “uma boa Januária”, músicas, danças e também histórias, se na cozinha e em meio as mulheres, Joana Xaviel encantava com suas narrativas, no meio dos homens que partiam para boiada, estava Seu Camilo.

É em estado de festa que todos viramos crianças. E era em torno da comida que a festa se dava:

No terreiro, os músicos paravam comendo. Todo o mundo comia, na porta da cozinha, no quintal, em toda a parte. Graças a Deus. Aquela quantidade de latas vazias, sempre guardadas — latas que tinham sido de marmelada, de goiabada, de tudo — prestavam agora sua serventia. Mas muitos, pobres, traziam pendurada na cintura sua cuia de receber. As grandes panelas de barro preto cozinhavam gordo, sem esbarrar. Pessoa, por mais desconhecida que fosse, não deixava de ganhar seus dois pedaços de galinha e um montezinho de arroz; a farinha estava pública. (Rosa, 2016, p.180)

Na tradição sertaneja quem dá a festa oferece a fartura, seja por pagamento de promessa, ou por ritos de passagem como casamento, batizado, entre outros. Mas o divertimento fica por conta dos convidados, dos tocadores e dos contadores de histórias, como Seo Camilo e Joana Xaviel. Os dois são apresentados como pessoas muito pobres, sem terem onde morar, dinheiro ou prestígio, no entanto, os dois carregam na bagagem algo muito precioso, o poder de guardar outros mundos. Possuíam histórias e o dom de contá-las e encantar. Viveram juntos, mas foram separados pela moral vigente.

Velho Camilo se sabe tinha morado mais de uns seis meses, na cafú, com a Joana Xaviel. De lá pegara a vir, dias em dias, à Samarra, pedir um feijãozinho, um sal. Daí muito se disse que aquilo não resultava bem, os dois, não dava. Somente se vê: eles necessitando da caridade, e vivendo assim num bem-estar? Nem não eram casados. Tinham de se apartar, para a decência. Mais o velho Camilo e a Joana afirmavam, que no entre-ser não tinham as malícias. Pois então, melhor, aí é que não precisavam de estanciar juntos. A gente ou é angú ou é farinha. (Rosa, 2016, p.160)

A meu ver, “Uma história de amor”, que está no título do poema, é sobre a história de amor entre dois contadores de histórias. Existem outras histórias de amor, a história de amor de Manuelzão pelo chão onde vive, a história de amor pela festa, mas também a história de amor entre Joana Xaviel e Velho Camilo.

O velho Camilo, soturno. Rabujava? Bebeu o fel-vinagre? Podia perguntar: — Seo Camilo, está mal com alguém? Sendo de soer: os agastamentos com a Joana Xaviel — **uma história de amor**. A graça! Indagou: — Seo Camilo, o senhor está gostando da festa?” (Rosa, 2016, p.190)

Já para o fim da festa, a boiada se prepara para seguir viagem e antes que a boiada parta, Velho Camilo se encarrega de contar a história *Romanço do Boi Bonito* (p.197), trazendo o encantamento necessário para nutrir a coragem de quem vai cruzar o sertão com a boiada e encher de esperança quem fica no aguardo do retorno dos viajantes.

Velho Camilo cantava o recitado do Vaqueiro Menino com o Boi Bonito. O vaqueiro, voz de ferro, peso de responsabilidade. O boi cantava claro e lindo, que, por voz nem alegre nem triste, mais podia ser de fada. No princípio do mundo, acendia um tempo em que o homem teve de brigar com todos os outros bichos, para merecer receber, primeiro, o que era - o espírito primeiro. Cantiga que devia de ser simples, mas para os pássaros, as árvores, as terras, as águas. Se não fosse a vez do Velho Camilo, poucos podiam perceber o contado. Até as mulheres choravam. Leonísia suavemente, Joana Xaviel suave. Joana Xaviel de certo chorava. Essa história ela não sabia, e nunca tinha escutado. Essa história ela não contava. O velho Camilo que amava. História! (Rosa, 2016, p.208).

Velho Camilo com toda sua simplicidade traz aqui a estória que encanta toda a novela, a relação entre homem, boi e riachinho, onde a condição humana está entrelaçada a toda vida em torno, não se separa o boi é aqui parte desse homem do sertão, o Riachinho é entidade é parte fundante. A narração atribui a grandeza necessária para que a festa se encerre no sagrado da terra ali pisada.

Os convidados que chegavam de todo canto traziam estórias, “Pois, minha mente: o mundo era grande. Mas tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada, a narração dos outros, de volta de viagens.”(Rosa, 2016, p.140). No clássico ensaio, *O Narrador*, de Walter Benjamin, escrito em 1936, é desenvolvida a ideia de dois grupos de narradores: o viajante e o sedentário. Sergio Paulo Rouanet, em sua tradução deste texto (6ª edição de 1993), opta pelo termo “representante arcaico” para designar o marinho viajante e o camponês sedentário, que são representações do imaginário desses dois tipos de narradores. O primeiro que viaja e tem o que contar de terras distantes e o segundo que sempre esteve em sua terra e que, portanto, guarda a história local, a tradição. Encontram-se ali, narradores das qualidades descritas, a partir do pensamento de Walter Benjamin.

A festa se faz no encontro e nas trocas. Entre os dois tipos de narradores e também os muitos ouvintes, se faz também no compartilhamento das comidas, danças, músicas e principalmente, narrativas, estórias que entrelaçam um encontro de mundos. “Todos queriam a festa. Manuelzão se esquecia do pé doente, desejava conversar...” (Rosa, 2016, p.135). A festa tem essa potência de suspender o tempo, os problemas do cotidiano e principalmente da obrigação do trabalho. Assim como fala na própria novela: “Mas, agora, viera bem chegado, àquele aberto sertão, onde havia de se acrescentar, onde esquecia os passados.”(Rosa, 2016, p.141). O sertão nos oferece outro tempo/espço, outra lógica.

De certa forma, o Velho Camilo que carrega com ele toda a contradição de sua existência ali naquele lugar, naquela sociedade, por fim, traz a solução para Manuelzão, o encanto necessário para o seu dilema. De onde não se esperava uma solução, se mostra o legítimo narrador que, de alguma forma, se anunciava. Como escreveu Walter Benjamin: “A memória é a mais épica de todas as faculdades.”(1994, p.210). A novela caminha pela tríade festa/viagem/narrativa. Pontos fundantes das relações humanas e podemos dizer, das vidas geraizeiras.

Caminhamos para o fim da festa e da narrativa, pois uma festa assim como uma estória, precisa acabar. “A música repartia as tristezas por todos, cada um no seu quinhão. Descansadamente, de um certo modo, a festa era coisa que molestava. Também, não se arma festa todo dia. Acabasse, a gente repousava, em dormir um dia cumprido.” (Rosa, 2016, p.

191). A festa deixa marcas, ela não acaba em si, deixa saudade, novas estórias e muitas relações.

A festa acaba com a partida da boiada. Mas, antes que a boiada parta, tem a estória do seu Camilo que encanta a partida, que fecha com chave de ouro a festa que teve muita música, dança, brincadeiras, comidas e missa; em que o sagrado e o profano compartilharam do mesmo espaço/tempo. Em que Manuelzão se consagra chefe, Joana Xaviel e Velho Camilo, encantadores das palavras, narradores.

Este capítulo chega aqui deixando espaço para pensar nos caminhos que podemos percorrer, a partir da Festa de Manuelzão, onde a literatura pode nos levar. Guimarães Rosa abre muitas possibilidades e outros encontros literários.

4. Caminhos percorridos: uma cartografia transbordante

Neste capítulo pretendemos desenvolver um debate em torno de uma geografia, uma geografia “alumiada” pela festa e pelas histórias, assim como vimos em Manuelzão – “Chegava na hora, a história alumiava e se acabava. Saía por fim fundo, deixava um buraco.”(Rosa, p.161). Uma geografia alumiada pelas histórias de João Rosa. Para tanto, traremos alguns autores para nos auxiliar a pensar no território físico e literário, dialogando com obras como, *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (2002) de Milton Santos, especialmente o capítulo “O tempo (Os eventos) e o Espaço”; *Corpos em Baile - Giros da Literatura, giros do afeto nos Gerais* (2018), de Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa; *Teoria da Viagem - Uma Poética da Geografia* de Michel Onfray(2009); e *Mudança de mapa, mudança de território na comunidade imaginada de João Rosa*, de Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (1996).

Pensar em território rosiano é pensar em um território fora do tempo e espaço, um espaço reescrito pela literatura, povoado pela imaginação, de quem vive ontem e hoje no território e quem viajou e esteve de passagem, mas que por ali criou imagens e vivências, a luz do pensamento de Scarpelli:

Ao permutar seus pontos de partida e os de chegada, Rosa dilui de tal forma as fronteiras encenadas em sua obra, que acaba obtendo, como resultado, novos traçados geográficos. É, desse modo, que, na obra rosiana, esboçam-se noções holísticas de territorialidade. Com a mudança de espaço, o perfil da história ganha retoques e refaz a própria fisionomia. (1996, p.161)

Minas Gerais é um estado de grandes proporções territoriais, faz fronteira com São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, além do Distrito Federal. Uma geografia complexa, que envolve influências de muitas partes do país, João Guimarães Rosa olha para esse território com dimensões de um país e recria novos contornos, e Scarpelli nos convoca a “abrir as portas da montanha mágica”:

Ao adentrar, na novela “Uma história de amor”, uma travessia poética — tensionada a partir do conflito entre a errância e a permanência do protagonista; entre a sabedoria humana e a força mágica da natureza —, João Rosa insere a paisagem cerrada do sertão no seu modelo de universo: um sertão multicultural, seu império *suevo-latino*. Com o novo traçado do mapa, a visão se vê obrigada a reconhecer, no antigo espaço, um novo território. (Scarpelli, 1996, p. 161).

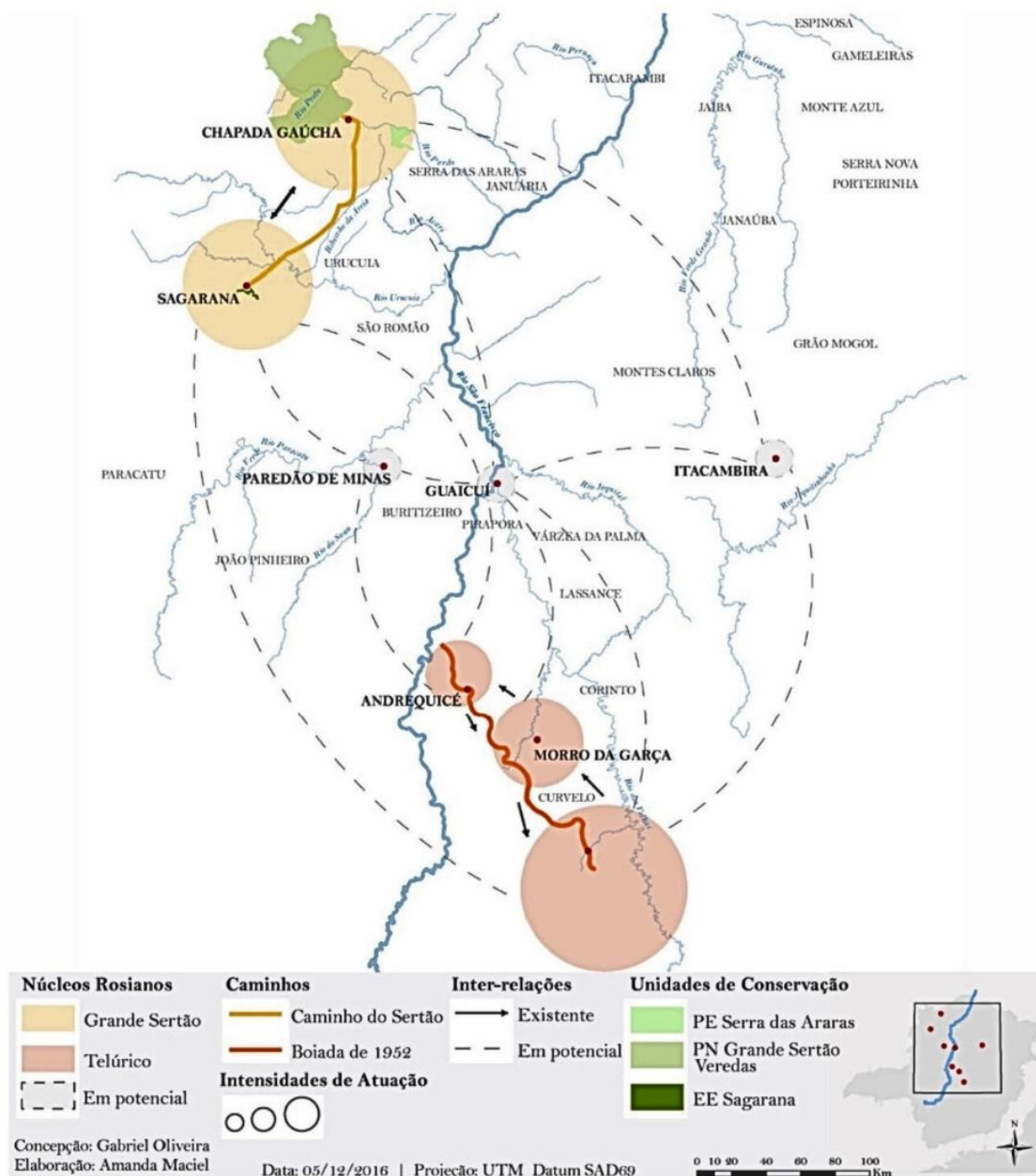
Dessa forma apresentaremos aqui alguns mapas. Cada um desenvolvido para fins distintos, porém, todos eles nos ajudam a localizar qual é o espaço físico onde João Guimarães Rosa se inspirou para criar seus espaços ficcionais. Para cada um dos mapas que seguem abaixo iremos desenvolver as suas análises a partir da movimentação com a bibliografia levantada. Assim, gostaríamos de convidá-lo(a) para caminhar conosco pelas veredas do grande sertão. Para isso, deixamos cinco mapas de localização para situar o(a) leitor(a) na cartografia por onde iremos caminhar em nossas reflexões.

O primeiro é um mapa de Barbosa (2018), que nos ajuda a situar por onde passa o território rosiano; o segundo é um mapa turístico do Mosaico¹³ Sertão Veredas - Peruaçu disponibilizado pela WWF Brasil; o terceiro é um mapa da rede de turismo ecocultural do Mosaico; o quarto é o mapa *d'O Caminho do Sertão* da rede de Trilhas; e, por último, o meu mapa pessoal deste evento.

O primeiro mapa nos mostra as distâncias encurtadas do território Rosiano desde as terras por onde viajava a pessoa Manuelzão, com sua boiada, e por onde viajou João Guimarães Rosa, em 1952, até o território por onde Rosa se expandiu para criar sua narrativa sobre o grande sertão dos Gerais.

¹³ Os mosaicos, previstos pelo art. 26 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC (Lei 9.985/2000), são constituídos por um conjunto de Áreas Protegidas localizadas próximas umas das outras, justapostas ou sobrepostas, independentemente do seu tipo de domínio, categoria de manejo e esfera de gestão. (fonte: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/gestao-integrada-de-paisagem/mosaicos>)

Figura 3 – Mapa de intensidades de “experimentação” - literatura/espço”



Fonte: Mapa de intensidades de “experimentação” - literatura/espço” (Barbosa, 2018, p.34)

De acordo com Barbosa (2018, p. 34),

Para melhor compreender as conexões das intensidades é preciso imaginá-las distribuídas espacialmente no território mineiro. Os contrastes nos dois principais núcleos são realçados por alguns traços gerais:

- 1) Nas peculiaridades em angariar recursos - o núcleo telúrico trabalha seus projetos geralmente a partir de um vínculo estabelecido direto com o Estado

- 2) e, por isso, são relativamente dependentes de suas respectivas prefeituras (Cordisburgo, Morro da Garça e Três Marias), ou, eventualmente, com o Governo do Estado, no caso de Cordisburgo, enquanto o núcleo grande sertão movimenta-se por iniciativas da sociedade civil organizada (Instituto Rosa e Sertão, Cresertão¹⁴, Funatura¹⁵, ADSIVRU¹⁶);

Barbosa aponta para diferenças entre esses dois pontos do território, diferenças significativas que têm relação com a forma como os atores locais encontraram de movimentar recursos. Neste trabalho, não iremos aprofundar esses pontos por falta de dados e tempo para desenvolver esse estudo, no entanto entendemos as duas ações como legítimas e válidas, tanto de utilização de recursos do Estado como de movimentações da sociedade civil.

- 3) Também existem diferenças nas apropriações do discurso rosiano - na ponta telúrica, ora a figura de Guimarães Rosa marca fortemente os eventos e execução de projetos (como em sua terra natal), ora personagens reais-fictícios “mobilizam as ações” (O “Morrão, em Morro da Garça e Manuelzão, em Andrequecé); já no norte-noroeste mineiro, as figuras literárias estão mais dispersas, a referencialidade direta com personagens ou com a figura do autor fica dissipada, porém a vivacidade cultural e a relativa preservação do Cerrado fortalecem o imaginário rosiano na paisagem;

Essa diferença nos interessa, especialmente para a dissertação, pois estamos lidando com os dois universos, o que o autor chama de telúrico onde está situada a inspiração para a novela *Uma Estória de Amor* e o núcleo grande-sertão em que está localizado *O Caminho do Sertão*, evento ao qual estamos fazendo referência ao longo do trabalho. Importante aqui olhar para a apropriação do discurso rosiano, em cada um desses núcleos, como bem exemplificou Barbosa.

- 4) As particularidades geográficas, por sua vez, incidem diretamente no grau de articulação institucional e também na capilaridade de potenciais parceiros ou da demanda turística: enquanto um dos núcleos está completamente envolvido com a capital mineira, mesmo que em proporções distintas (Cordisburgo - 120 km, Morro da Garça - 210 km, Andrequecé - 270 km) e com São Paulo (apesar dos 710 km de distância de Cordisburgo da capital paulista, o envolvimento dos departamentos de Geografia e Literatura da USP desde os anos 90 na região marca este itinerário), o núcleo grande sertão, por seu turno, possui uma relação muito mais forte com Brasília (Sagarana - 305 km; Chapada Gaúcha - 360 km) do que com Belo Horizonte (Sagarana - 620 km; Chapada Gaúcha - 772 km), mesmo que acabe flutuando internamente mais entre os municípios vizinhos do que com a capital federal;

Essas distâncias geográficas demarcadas por Barbosa nos ajuda a compreender quem mais se aproxima de cada um dos dois núcleos, apesar de existir um fluxo de pessoas de São

¹⁴ Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão.

¹⁵ Fundação Pró-Natureza.

¹⁶ Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável.

Paulo, mesmo das universidades e também de Belo Horizonte, no núcleo Grande Sertão, o acesso é muito mais viável por Brasília e o fluxo maior de pessoas que passam por esse território, vem do Planalto Central. Inclusive o fluxo inverso, muitos jovens que nasceram nesse território que Barbosa vem chamando em seu trabalho de *núcleo grande sertão*, estudam em Brasília, e alguns retornam com projetos vinculados a capital federal para o sertão, como a relação com cinema, o CineBaru, ou a residência de dança que já ocorreu em Sagarana.

- 5) os focos de experimentação rosiana também são sutilmente distintos - no núcleo telúrico, por ordem aproximada de importância enquadram-se os seguintes elementos trabalhados: educacional, literário, turístico, cultural, político-institucional; e no núcleo grande sertão: político-emancipatório, cultural, ambiental, social, educacional, literário;

Destaco, nesse quinto ponto, as questões político-emancipatório e social do *núcleo grande sertão*, pois essa é uma região com uma presença significativa de população quilombola, indígena (Xakriabá), veredeira, populações tradicionais que estão em constante ameaça. O capitalismo avança e os povos tradicionais deste território estão em constante resistência. Era comum, por onde passávamos com *O Caminho do Sertão*, ouvir as histórias relacionadas ao movimento sem terra, e mesmo de ameaças constantes do Estado contra lideranças locais, como é o caso da Vó Geralda¹⁷ e do Jorge¹⁸, citando apenas dois exemplos que estão relacionados diretamente com *O Caminho do Sertão*, mas existem muitos outros.

- 6) por fim, como já comentado, a referência literária no primeiro núcleo é vinculada principalmente ao *Corpo de Baile* (Uma Estória de Amor, Dão-Lalalão, Recado do Morro), com algumas intersecções pontuais com *Grande Sertão: Veredas, Sagarana e Primeiras Estórias*; enquanto a área do segundo vetor é inteiramente marcada por *Grande Sertão: Veredas*. (Barbosa, 2018, p. 34-36).

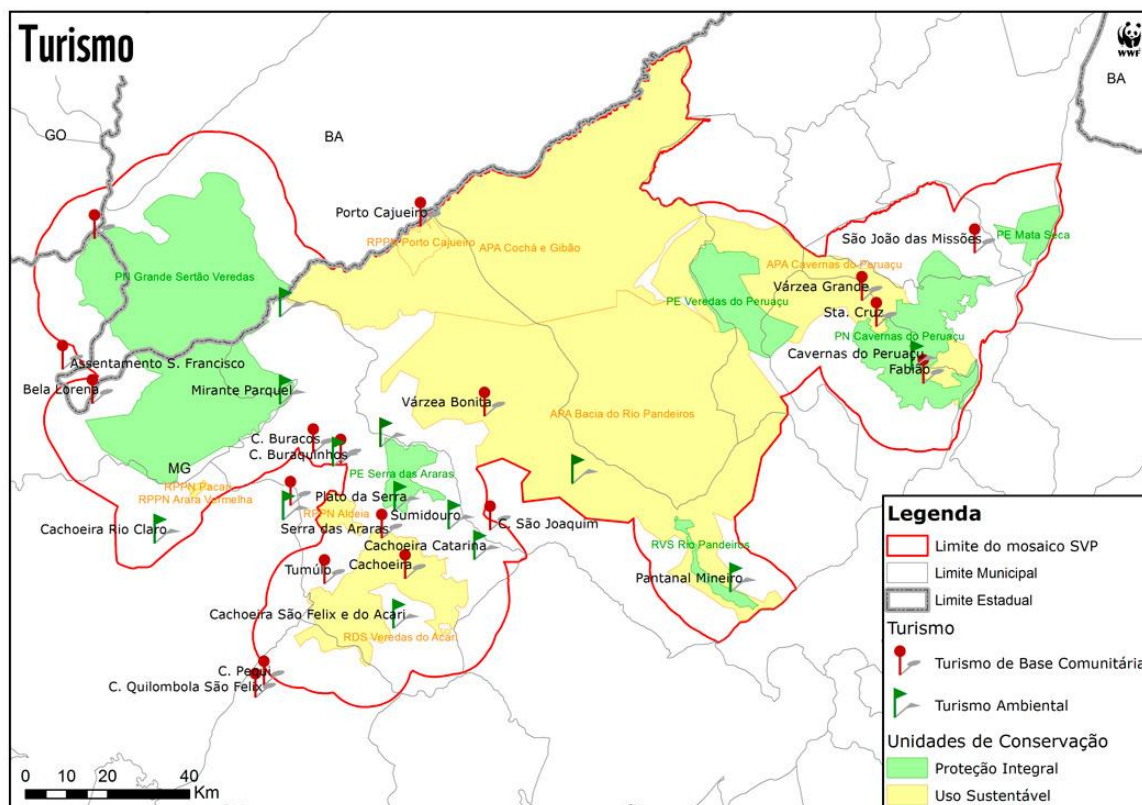
Por fim, Barbosa aponta para diferença desses dois núcleos referentes a literatura de João Guimarães Rosa, e apesar da área do segundo vetor estar “inteiramente marcada por *Grande Sertão: Veredas*” e nosso texto de análise ser relacionado ao *Corpo de Baile*, fizemos a escolha de unir os dois territórios, pois a vivência maior da pesquisadora foi feita no núcleo Grande Sertão, na travessia *O Caminho do Sertão*, e identificada a relação das festas ali construídas com a novela *Uma Estória de Amor*.

¹⁷ Falaremos mais sobre Vó Geralda no capítulo A Festa em *O Caminho do Sertão*.

¹⁸ Jorge Almeida é uma liderança local do movimento pelo direito à terra, foi preso injustamente mais de uma vez e escreveu no cárcere um pouco de sua história no livro *Reescrevendo Sentenças: A Poesia por trás das grades*, em Barra da Aldeia Jorge faz uma fala para os caminhantes conhecerem o histórico de luta da região.

O próximo mapa faz referência direta ao turismo na região, em que, até aqui, chamamos de núcleo Grande Sertão, assim como, os mapas seguintes, todos estão relacionados a este núcleo, devido ao mergulho que tivemos neste território.

Figura 4 – Mapa Turismo Sertão Veredas Peruaçu



Fonte: Referência em <https://mosaicospv.com.br/sabenca/mapas/>

Entendemos a importância desse segundo mapa para localizar geograficamente o/a leitor/a sobre os limites oficiais do território. Em vermelho encontra-se o limite do mosaico Sertão Veredas Peruaçu, um traçado importante para nossa discussão nesta dissertação. A linha fina cinza está marcando o limite Municipal e a linha cinza grossa o limite Estadual. Esse limite é muito importante para nossa reflexão, pois estamos falando de um território localizado na tríplice fronteira entre os estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais. Nos mapas seguintes, veremos que esses limites territoriais oficiais são transpostos o tempo inteiro pela literatura e pelas vivências das pessoas. O Estado delimita e a vida transpassa. A literatura tem o poder de encurtar distâncias.

Já as bandeirinhas verdes estão indicando o turismo ambiental que nos interessa aqui no sentido de respeito e valorização do território. Mas tem uma segunda marcação que nos

interessa ainda mais: os pontos vermelhos que estão indicando o Turismo de Base Comunitária. Este sim está dentro do escopo de *O Caminho do Sertão* e de nossas reflexões. O Turismo de base comunitária abrange as comunidades tradicionais, a cultura popular e as tradições locais, perpassa pontos da literatura e exalta o turismo ambiental, uma vez que quem mantém o cerrado em pé são as próprias comunidades.

Por turismo de base comunitária estamos entendendo como uma forma de estar no território em relação e com a comunidade. Existe um compromisso entre as partes envolvidas, como podemos dialogar com a definição de Roberto Bartholo:

Característica fundamental do turismo de base comunitária é a nítida preponderância dos padrões relacionais interpessoais nos serviços turísticos ali implementados. A dialogicidade situada foi facilitadora da abertura de fortes canais de interlocução com o patrimônio relacional do sítio simbólico de pertencimento. A prática das iniciativas turísticas de base comunitária exige então uma permanente interlocução, e uma pactuação negociada de compromissos. (Bartholo, 2009, p. 51).

Neste sentido, podemos observar também no mapa, em verde, a área de Proteção integral, e, em laranja claro, a área de uso sustentável. Reconhecemos que esse é um debate extenso dentro do campo ambiental, uma vez que entende-se por Proteção Integral uma área sem manejo humano e tal visão já foi contestada por muitos estudiosos da área que dizem ser errônea, pois a proteção também tem relação com o manejo e convívio humano. A área de uso sustentável é maior em extensão, isso também se deve ao fato de que essa área é habitada a gerações, e o que muitas pessoas do território podem chamar de uso tradicional, ambientalistas chamam de uso sustentável. Essa é uma discussão extensa que não iremos nos alongar neste momento, mas fica aqui um fio solto para ser puxado em outro momento de debate.

Figura 5 – Mapa Mosaico Travessias



Fonte: <https://mosaicospvp.com.br/travessias/>

Este terceiro mapa foi escolhido devido a sua importância política. Ele pode ser visualizado e navegado com maior precisão e nitidez através do site que deixamos indicado aqui na referência.

Importante observar neste mapa as categorias em que ele está organizado: o ícone com as casinhas nos leva para as comunidades tradicionais; outro com uma pessoa dentro de um balão de fala nos indica os receptivos locais, ou seja, quem ou que organização procurar quando adentrar ao território; o ícone com os buritis nos indica pontos de natureza, pontos importantes como o encontro do Rio Preto e Caririnha; o ícone com duas árvores em formato de coração sinaliza para áreas protegidas e, por fim, o último ícone que são três braços em ciclo indica para associações e entidades. Desta forma, podemos fazer uma travessia por caminhos onde as pessoas estão em coletivo, e onde organizações da sociedade civil estão atuantes.

Além disso, este mapa divide o território em três grandes áreas: Sertão Veredas, na cor laranja claro, Pandeiros, em verde, e Peruaçu, em laranja escuro. Trata-se de um mapa que

Pretendemos demonstrar como *O Caminho do Sertão* tem trabalhado e ritualizado as passagens geográficas do espaço percorrido. Como no primeiro dia de caminhada, em que saímos de Sagarana, percorremos 32km até Morrinhos, porto, porque outro nome não há¹⁹ para aquele pedaço de barranco no rio Urucuia. Parte desse percurso se faz em meio às lavouras com cenas tristes de grandes pivôs (sistema de irrigação), que estão drenando as veredas e o próprio rio do amor de Riobaldo, o rio Urucuia. Nesse trecho é feita uma performance por parte do núcleo artístico d' *O Caminho do Sertão*, e acontece o encontro dos caminhantes com o diabo, o próprio demo, o capeta sai do meio da lavoura para propor o pacto com os caminhantes. Numa interpretação possível acerca desta performance, aceitar o pacto, neste caso, é fechar os olhos para o que o agronegócio vem fazendo com o cerrado, é desfrutar do conforto da ignorância, no sentido de não querer saber e compreender os impactos.

Entendemos aqui *O Caminho do Sertão* como um evento social e vamos dialogar com a ideia de Milton Santos, sobre o conceito de evento:

Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória. É nesse sentido que Lefebvre (1958, pp. 346-347) falando em "momento" e Bachelard (1932, pp. 30-31) referindo-se ao "instante" os considera como um absoluto. Daí a sua eficácia e sua irreversibilidade. Essa ir-reversibilidade é o que dá a cada homem o "sentimento de aventura" diz o Sartre de *La Nausée* (1938, p. 85), quando ganhamos a certeza de que nenhum momento se repete, nem volta, e então decidimos agir dentro dessas "malhas estreitas." (Santos, 2002, p.94).

Cada edição de *O Caminho do Sertão* é única causando esse "sentimento de aventura", pois o evento é uma somatória das variáveis ação/tempo/espaço. Nesse sentido, através de Milton Santos, podemos pensar essa singularidade de cada Caminho e ainda mais pensar nos eventos dentro d' *O Caminho do Sertão*. Estes mapas estão aqui representados para situar o/a leitor/a com o espaço e estamos contextualizando. Para podermos pensar o tempo, olhar para a história e para o contexto social é importante refletirmos acerca desse tempo com luz no pensamento de Santos: "Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço. Em seu livro *A Philosophy of Future*, Ernst Bloch (1963, 1970, p. 124) escreve que 'o tempo somente é porque algo acontece, e onde algo acontece o tempo está'" (2002, p. 94).

Já foi mencionado a sensação de tempo dilatado durante a viagem. Pensar em *O Caminho do Sertão* é pensar em um tempo outro, um tempo necessariamente presente, diferente do desafio que enfrentamos no cotidiano citadino em que nos percebemos

¹⁹ Assim como diz Riobaldo para o porto do rio d'janeiro em *Grande Sertão: Veredas*.

multitarefa e dificilmente em estado de presença, de uma sociedade acelerada, de sujeitos multitarefas. Uma sociedade do cansaço (Han, 2015). Esse tempo presente é a morada do evento: “São os eventos que criam o tempo, como portadores da ação presente” (G. Schaltenbrand, 1973, p. 39). Ou, como escreve H. Focillon (1943, 1981, p. 99), o evento é uma noção que completa a noção de momento”(2002, p.94).

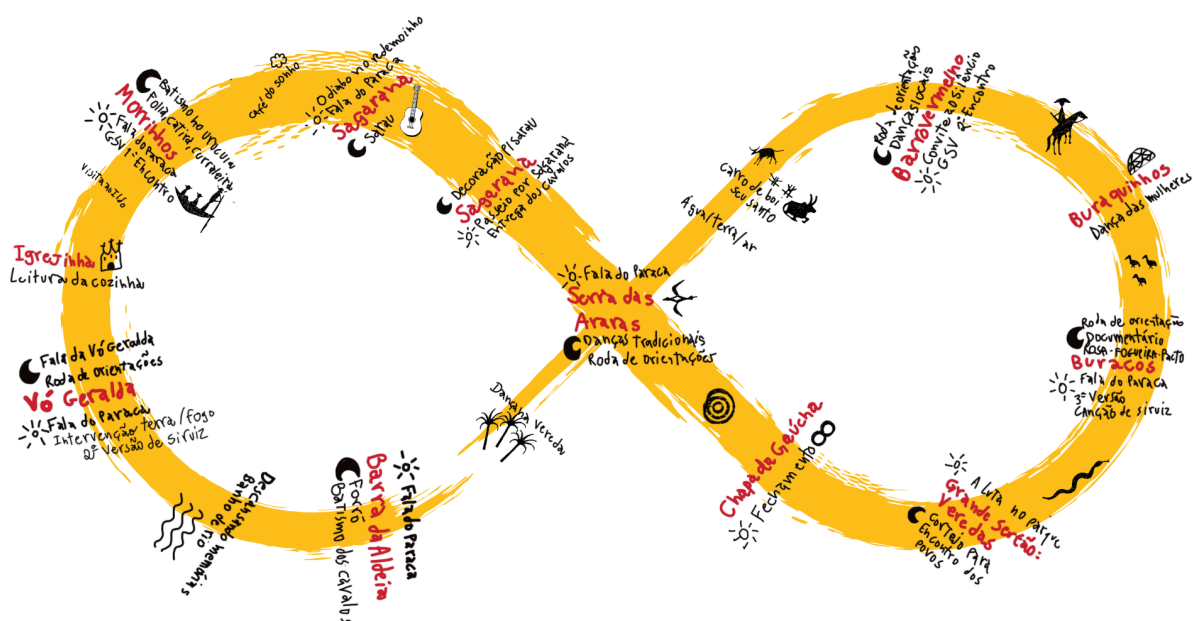
No caminho contrário do tempo presente do evento está uma sociedade da super produtividade exigindo das pessoas uma capacidade de multitarefa, o que para o filósofo Byun-Chul Han representa um retrocesso para a humanidade:

A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem.(Han, 2015, p.14)

Já as viagens representam, também os eventos, um estado presente, um estar no mundo em outra condição, em outro estado de corpo, este estado de corpo é brincante e por isso necessariamente presente. Ao longo d’*O Caminho do Sertão* acontece uma série de performances desenvolvidas pelo núcleo artístico da organização do evento e também, por vezes, desempenhadas por outras pessoas da organização, moradores locais ou mesmo caminhantes.

Na VIII edição d’*O Caminho do Sertão*, em 2023, fiquei responsável por esquematizar os horários das performances ao longo do caminho. O núcleo artístico já havia pensado nas intervenções e outras pessoas do coletivo haviam sugerido leituras de trechos da obra de João Guimarães Rosa ao longo do percurso. Para que as intervenções e leituras não se chocassem com horários, fiz um “mapa” para representar a nossa trajetória para que todas as pessoas visualizassem as propostas artísticas naquela edição:

Figura 7 - Esquema d'O Caminho do Sertão intervenções artísticas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, digitalização e arte gráfica final feita por ester da cruz.

Nesse esquema representei o que, para mim, é o meu mapa d'O Caminho do Sertão, assim como encerra o romance *Grande Sertão: Veredas*, com a palavra TRAVESSIA e o símbolo do infinito, o número oito deitado, desta oitava edição, retomando a primeira palavra do romance NONADA, a serpente que morde o próprio rabo, um mapa que recomeça. Assim vejo essa viagem.

Em cada ponto desenhei onde chegamos à noite e saímos de dia, ou apenas passamos, como é o caso de Igrejinha, na cozinha de dona Jandira. Em cada um desses pontos, um evento se faz presente, uma performance, uma leitura, uma dança, ou festejo local, é como pequenos eventos que acontecem até chegar no grande evento que será o destino final no Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas.

Importante pensar que em cada um desses pontos pelos quais passamos ao longo da viagem existe uma profunda transformação do caminhante e também das pessoas que estão no lugar esperando e recebendo esses viajantes. “Na verdade, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características”(Santos, 2002, p.95). Segundo Santos, o evento tem essa capacidade transformadora.

Assim, como na festa de Manuelzão, na literatura, *O Caminho do Sertão* conta com os preparativos, pré Caminho, que foi quando desenhei este esquema, onde muitas mulheres estão nas cozinhas preparando, outras estão arrumando e decorando trajetos e pontos de

chegada, os narradores que trazem os encantamentos para o evento, cada pessoa que se propõe contar as histórias tem um pouco de Joana Xaviel e Seu Camilo. Tem os músicos e cantadores que cantam na travessia e também nas festas de chegada em cada ponto, tem os muitos corpos que dançam e caminham, e caminham dançando, como sugere Dona Lili.

5. A Festa em *O Caminho do Sertão*

Para esticar os fios acerca do que se pensa festa nessa escrita, posso aqui dizê-la como a possibilidade do encontro. O encontro com gente que carrega no corpo a composição do chão que pisa, das estórias que alimentam quem são no mundo. A festa, n’*O Caminho do Sertão*, é o deslocamento do indivíduo para o coletivo, pois festa não carece de ser sozinho. Talvez por isso a sensação de tempo dilatado ao longo da caminhada, esse constante “Dião de dia”. Tecendo assim, possibilidade de vida nas encruzilhadas das cozinhas, quintais, veredas e caminhos que por onde os pés pisam, também fazem festa. *O Caminho do Sertão* é uma grande festa. Por onde passam os caminhantes/viajantes apaixonados pelo território rosiano, e suas estórias, é feito festa.

A COZINHA ENCONTRA A FESTA

Como toda boa festa, não pode faltar uma boa cozinha. A logística das cozinhas desta viagem chegam ser quase mágicas, pois alimentam um bando de mais de cem pessoas, quase um vilarejo nômade atravessando o sertão com muita fome, depois de tanto caminhar. Após atravessar o sertão como caminhante, em 2022, voltei como voluntária para ajudar na organização da VIII Edição d’*O Caminho do Sertão*, em 2023, e escolhi, então, acompanhar a cozinha, descobrir os encantos, entrar pela porta mais íntima de cada casa.

Quando adentrei às cozinhas do sertão entendi de imediato que ali era lugar sagrado. Como vi de minha mãe, sacralizando a cozinha e semeando esse ensinamento em meu corpo. Aprendi a cozinhar desde muito pequena, observando atentamente o fazer dela. Assim pude receber, naquelas cozinhas sertanejas, sem paredes, abertas para o quintal, mulheres contando histórias de suas vidas.

As características comuns das cozinhas que vi no sertão geraizeiro são: painéis muito bem areadas, varanda grande com mesa comprida onde se recebe muita gente, com portas abertas para o quintal; quintal esse que compõe a cozinha, com fogão à lenha no meio do terreiro, mesas embaixo de árvores, o que nomeei de *cozinha/quintal*, com café doce sempre pronto para quem chega, pote de biscoitos caseiros de nata que derrete na boca e transporta para a infância.

Nas cozinhas que adentrei ao longo d’*O Caminho do Sertão* encontrei semelhanças com a arquitetura quilombola, descrita por Antônio Bispo dos Santos, no livro *A terra dá, a terra quer* (2023), uma arquitetura do encontro da partilha, da festa. Em que todos comem juntos e que a cozinha é aberta para a comunidade.

A cozinha é o melhor lugar na arquitetura quilombola, o mais necessário e bem cuidado. Se alguém chegar à minha casa e ficar na sala, ninguém vai receber essa pessoa na sala. Não existe isso para nós, todo mundo vai para a cozinha! A arquitetura é pensada também em função da comida. A comida organiza a festa, organiza a recepção, tudo se organiza em torno da comida. Quando fazemos arquitetura, pensamos na comida e na festa, nas formas compartilhadas de vida. (Santos, 2023, p.40)

Já conhecia a intimidade das cozinhas, pois sou filha de uma mãe cozinheira e festeira, e cresci também entre as panelas. Me lembro das festas de São João que aconteciam na rua de casa, em que cada vizinha levava um prato de comida e o banquete estava posto. Minha mãe fazia maçã do amor, caldeirão de vinho quente e quentão, puxava o fogão para a calçada para estourar a pipoca no meio da festa, e deixava os caldeirões das bebidas sempre quentes. Até criança bebia, minha mãe dizia que o álcool já tinha evaporado no fogo.

Assim olho para as fogueiras do sertão e lembro das fogueiras da minha infância. Em cada ponto d’*O Caminho do Sertão* onde a gente chega tem comida pronta, fogueira para o encontro e forró para descansar as pernas da caminhada. Quando cheguei, no primeiro dia, em Morrinhos, na beira do rio Urucuia onde se localiza a casa de Mana, depois de caminhar 32km, me impressionei com a força que tinha ainda para dançar um forró e festejar a chegada do primeiro dia de caminhada. E foi assim, seguindo os conselhos de Dona Lili, de Ribeirão de Areia, que atravessei, pela primeira vez, o sertão rosiano, “Caminhar cansa. Cantar e dançar não cansa. Daí eu caminho cantando e dançando”²⁰.

Na cozinha de Vó Geralda escuto ela contando muitas histórias de seu casamento. Ela é uma mulher forte, que fala para todas as mulheres a sua volta, “para ser mulher no sertão tem que ser corajosa”. Como também na novela encontramos a passagem, “Quase todo o mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é: Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais. Mais, então, as mulheres.” (Rosa, 2016, p.157). Me marcou a primeira vez que estive em sua casa e ela começou sua fala para os caminhantes, assim: “sou uma vovó para vocês, mas não dessas que é boazinha, dou a bronca que precisa

²⁰ Esta fala de Dona Lili foi retirada da tese de doutorado de Maria Fernanda Costa Miranda (MIRANDA, 2023).

ouvir”. Pensei na mesma hora: “ela é a nossa Baba Yaga²¹”. E mais tarde tatuei a Vasalisa e a própria Baba Yaga, no meu corpo.

Me permitam fazer um parêntesis: Na tatuagem, a Baba Yaga está voando em um caldeirão. Não em uma vassoura, como é o clássico nas histórias de bruxas, mas em um utensílio da cozinha. Ela é uma cozinheira de mão cheia e seus mistérios e desafios estão dentro do ambiente sagrado e misterioso da cozinha. Entendi que essa Baba Yaga em seu caldeirão tem um pouco de Vó Geralda, de Dona Jandira, Bia, Mana e tantas outras mulheres que conheci nas cozinhas d’*O Caminho do Sertão*. Guardei um pouquinho de cada palavra que colhi dessas mulheres sertão afora para *mascar e rasgar entre os dentes*²².

Assim, quero convidar o/a leitor/a a adentrar a casa de portas abertas do sertão. Ela fica na Fazenda Menino e a casa de vó Geralda, no topo de uma montanha. Por onde vier terá que subir uma ladeira antes de chegar em casa. A sala está cheia de camas que oferecem pouso para quem precisa, e filtros de barro que dão água para quem tem sede. Essa é uma casa acolhedora e cheia de história e resistência. Isla Nakano e Renata Ribeiro escreveram as histórias contadas por Geralda de Brito Oliveira, a Vó Geralda, no livro *A Porta Aberta do Sertão*²³:

TODA VIDA, DESDE NOVINHA, EU QUERIA TER MINHA VIDA LIVRE.²⁴

Na cozinha da Vó Geralda nos preparativos d’*O Caminho do Sertão*, do ano de 2023, acompanhei toda a conversa da preparação de uma outra festa. Aconteceria ali, em algumas semanas, um casamento, muito esperado e a “noivinha”, como elas se referiam a moça que iria se casar, era uma das cozinheiras d’ *O Caminho do Sertão*.

Ouvi toda a conversa como uma mosquinha. Como a única mulher de fora do território, estava um pouco de lado nas conversas. As relações só mudaram, tomaram outro rumo, quando os caminhantes chegaram e devido ao grande fluxo, o banheiro de dentro da casa entupiu. As mulheres da casa estavam tentando de tudo para desentupir, mas não conseguiam. Eu pedi para tentar e fui feliz na minha tentativa. Consegui resolver o que era um grande problema para aquela noite de casa cheia. Naquele momento elas comemoraram

²¹ Bruxa da história de Vasalisa, um conto de fadas Russo que tive contato através da leitura do livro de Clarissa Pinkola Estés

²² Faz referência ao poema *Da calma e do silêncio* de Conceição Evaristo. Para ouvir o poema na voz da autora, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=Iez_LTqSrkg

²³ Recomendo a leitura deste livro na íntegra que conta a história de uma *dura e sábia* mulher do sertão, que riui na frente dos militares que a ameaçaram de morte em tempos de ditadura civil-militar.

²⁴ Oliveira, 2024, p.152.

comigo e passaram a me tratar de outra maneira. Tive a minha aceitação a partir de um desafio superado, provei que aquela brincadeira era bem séria.

No dia seguinte, depois que toda a comitiva já tinha partido, e estávamos no último carro que partiria com os utensílios de cozinha, Vó Geralda me abraçou forte, de forma que meus pés quase saíram do chão. Falou que eu era “um cisquinho, pouca coisa”. Todos na varanda riram e ela me convidou para ficar morando ali mais ela. Meu coração deu um salto de alegria, mesmo não podendo aceitar o convite fiquei imensamente grata ao saber que ali tinha um lugar para mim, na casa de portas abertas do sertão.

Figura 12 - Vó Geralda e equipe da sua cozinha na VIII edição d’ *O Caminho do Sertão*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Na fotografia com Vó Geralda e a equipe de sua cozinha, na VIII edição d’ *O Caminho do Sertão*, à esquerda, de chapéu azul, está Lúcia, filha de Vó Geralda, que cuida dos pés cansados dos caminhantes que chegam à casa de sua mãe. Estou ao lado de Lúcia, e, ao meu lado, está Vó Geralda, muito contente e orgulhosa da equipe que conduziu os

trabalhos de sua cozinha naquela edição do Sertão (como ela costuma se referir ao evento). Ao seu lado está Carmela, que coordena a cozinha de Vó Geralda durante o evento d'*O Caminho do Sertão*, e, por fim, estão suas ajudantes Leninha e suas duas filhas.

As mulheres estão cansadas, pois o trabalho foi árduo até ali, porém muito felizes e satisfeitas, pois estávamos todas com sensação de missão cumprida. Foi preparado um café da tarde para receber os caminhantes, um grande jantar e um café da manhã para a partida do dia seguinte. E, entre um preparo e outro, muita conversa. Vó Geralda contando aos visitantes detalhes do que estava escrito no livro, que naquele ano (de 2023) já estava no forno, quase saindo, e que no ano seguinte, voltamos para o lançamento. Cozinhamos por muitas horas seguidas. Estive com elas, por um tempo que não durou 24 horas, mas que no corpo e no coração, parecia mais de uma semana juntas.

Como bem disse Riobaldo:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (Rosa, 2019, p.76)

Aqui, sigo com outros transbordamentos, em uma outra cozinha, sem uma linha cronológica ou espacial. Assim como a memória de Riobaldo, sigo essa narrativa como o corpo pede e a dança das palavras chegam. Já no vão dos Buracos, me vejo preparando tapiocas com as filhas de Dona Rosa. Elas estão muito felizes, pois os caminhantes dormiram na casa da mãe. Em outras edições, os caminhantes apenas passavam por ali. Era uma das paradas de apoio, mas não um pouso, como seria neste ano.

Apesar do muito trabalho para receber tanta gente, elas estavam em clima de festa, e os caminhantes também. Esse é o último pouso conjunto do bando. No dia seguinte, o grupo chega à Chapada Gaúcha. E na “cidade grande”, o bando se dispersa. Nesse clima festivo contagiante, a família de Dona Rosa e do condutor, Paulo Gomes, se junta aos caminhantes para forrozear e festejar o fim da caminhada.

Uma das cozinheiras pendura o avental depois do jantar e se arruma para ir à festa do encontro dos Povos do Sertão Veredas, em Chapada Gaúcha. Na manhã seguinte, ela está ali fazendo tapiocas com a gente, para o café da manhã, e contando as novidades da festa que vivenciou na madrugada. As festas se encontram e o tempo se suspende.

Figura 13 - Cozinha de Dona Rosa - IX Edição de *O Caminho do Sertão* 2024



Fonte: Acervo d'*O Caminho do Sertão*. Foto de Isabela Andrade

Na foto estou na ponta esquerda. Ao meu lado está Binho de chapéu, parceiro de Caminho e também o artista que fez os cavalos do cajado dos caminhantes, de duas edições da travessia. Ao lado de Binho está Santana que, com suas mãos mágicas e muito carinho, faz deliciosos pães de queijo. Ao lado de Santana, e o maior de todos na foto, está Sandin, conhecido como “chefe do bando” e quem abre os caminhos na logística de todo o evento. Na frente de Sandin, e no centro da foto, está Dona Rosa, a matriarca de Buracos que, com muita a simpatia abre, todo ano, sua casa para *O Caminho do Sertão* passar e festejar. Ao lado de dona Rosa está Bia, sua filha e chefe dessa cozinha de Buracos. Ela é quem rege essa orquestra e organiza cada refeição servida ali. Ao lado de Bia está Ana alegre e festeira, que foi dar um pulo na festa, em Chapada Gaúcha, e voltou pela manhã, para nos contar as novidades. Ao lado de Ana está Gabi, membro do coletivo que organizou a IX edição de *O Caminho do Sertão*.

A cozinha da Dona Rosa é pequena, mas cabe todo mundo. Ali o frio da madrugada encontra espaço quente de fogão aceso e muita gente junta. Estamos de casacos na fotografia porque essa foto foi tirada minutos antes de nossa partida. Iríamos logo pegar estrada rumo a Chapada Gaúcha, enfrentando o frio da manhã. A sensação era de alegria, de dever cumprido, todos cansados, mas muito felizes.

Quando a gente chega na festa, em Chapada Gaúcha, procuro a barraca de tapioca de Dona Maristela, cozinheira de Serra das Araras. Seu Gerson, marido de Dona Maristela,

conta que Antônio Dó, comia na casa de seus mais velhos; conta como o maior, e mais temido, jagunço daquela região só confiava comer na casa de sua família²⁵:

Antônio Dó fez amizade com ele. Ele tinha uma fazenda no Logradouro, aqui perto. E daqui ele ia lá pra a fazenda do meu avô. Lá ele ficava. Chegava cedo e não dormia na casa de ninguém. E não comia também, não. Por medo, porque todo mundo era contra ele. Perseguiam ele. Só o meu avô que tinha amizade com ele, e quando chegava lá, ele comia. Ele ficava o dia todo lá, e de noite ele saía. Ele tinha os lugares pra ele dormir e fazer as preparações. (Silva, 2023, p.340)

Seu Gerson e Dona Maristela têm um restaurante na Serra das Araras. Um quiosque feito de madeira, telhado de palha e fogão à lenha. Fica ao lado da Geodésica de Serra das Araras, ponto estratégico para atender os visitantes. Assim que entrei no restaurante, para um almoço delicioso e bem sertanejo, ouvi essa história do próprio Gerson, que depois leria novamente no caderno de Rosa Amélia. Logo pensei, “essa é a melhor propaganda que ele poderia fazer de seu restaurante”, e assim anotei em meu caderno de campo, ao lado da história de Antônio Dó. Quase como um slogan, “a comida mais confiável da região, aprovada por gerações de jagunços”.

²⁵ Segue o trecho da fala de Gerson da Silva Pereira, extraído do livro *Travessia do sertão: narrativas do caminho*, organizado por Rosa Amélia Pereira da Silva.

Figura 14 - Porteira de entrada para o restaurante de Dona Maristela e Seu Gerson



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nas festas que vi serem preparadas no sertão geraiseiro, presenciei muitas das conversas, contação de causos e cantorias nas cozinhas. Dona Lili mesmo é uma versadeira²⁶, ela é uma brincante das palavras, amante de festas e leva para os festejos da região suas brincadeiras de palavras. Ouvi Dona Lili pela primeira vez no Encontro dos Povos do Sertão, a grande festa onde chegamos ao final d'*O Caminho do Sertão*. No palco assistimos toda sorte de apresentações, desde os tocadores de Folia de Reis até as versadeiras, como dona Lili.

O dia da festa é mesmo um “Dião de dia!”, assim como fala Rosa: “Amanhã é que ia ser mesmo a festa, a missa, o todo do povo, o dia inteiro. Dião de dia!” (Rosa, 2016, p.155). É panela no fogo antes do dia amanhecer; as mulheres dormem na cozinha cuidando do fogo. O preparo é à lenha, porque não cabe no fogão a gás o tamanho de panela dos festejos. E, como ouvi no sertão, “fogo de gás é muito lento, a gente precisa é de fogo de lenha que é fogo de verdade”, porque de fato o tempo do fogo do fogão a gás é muito lento para o tanto de comida que precisa ser preparado, em um tempo curto, no caso do evento d’ *O Caminho do Sertão* e da fome das pessoas que chegam de longe para os festejos em geral.

Figura 16 - Preparação da refeição dos caminhantes do VIII Edição d’ O Caminho do Sertão, 2023.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

²⁶ Versadeira é a denominação dada àquelas pessoas que sabem criar versos improvisados a partir do refrão de uma cantiga.

Na cultura do sertão, a vida cotidiana fica em suspenso quando se organiza a festa. O trabalho para o acúmulo não é a prioridade, outras lógicas de trabalho são comumente encontradas. Na festa de Santo Antônio, em Serra das Araras, por exemplo, todo mundo deixa seus trabalhos de lado para juntos construírem a festa do santo padroeiro. Quando é tempo de colher a castanha de baru²⁷, essa colheita é feita em formato de mutirão. Assim é também a forma que se descaroça o algodão e prepara o fio nas rocas para tecer, em meio de muita música. É o trabalho em festa, é brincadeira, onde criança e velho se juntam. Dona Nega, a fiandeira mais velha de Sagarana, é também contadora de histórias, é brincante e dança o Gambá²⁸ e a Quadrilha na festa de São João. Aliás, é a festa das fiandeiras que recebe os caminhantes d’ *O Caminho do Sertão*, uma festa que acontece entre as pessoas da comunidade, mas que recebe, com muita comida e dança, todas as pessoas de fora. Essa vivência, em Sagarana, me remete diretamente à festa de Manuelzão:

Uns bailavam outra vez o gamba. Os do Chico Brãabóz e do Pruxe nesse cocogalopado:

‘Lava a roupa na vereda
dependura pra secar:
um suspiro, um lenço branco,
um soluço, um avental.
Rala!
Eu vou no buritizal...

O buriti veio de cima,
ouricuri deu de baixo.
Rala!
Se encontraram nos umbigos...
Rala coco nesse tacho!’ (Rosa, 2016, p.194)

A festa corre solta, muitos dançam, comem, bebem, tocam, cantam e brincam. No meio do percurso d’ *O Caminho do Sertão*, chegamos em Barra da Aldeia, “um lugarejo esquecido do mundo”, assim define Neide, a anfitriã. Nesse dia, a caminhada é mais curta e chegamos mais cedo neste pouso. Ali acontece uma grande festa com tocadores de toda a região. É nesse ponto que muita alegria se faz, assim como vemos no conto: “Ficavam se apartando, brincando de caçoar ou de pular uns por cima dos outros, espírito de meninos. Alegria, sim. Todos deviam de tomar divertimento.” (Rosa, 2016, p.172).

²⁷ Proveniente do cerrado, de uma árvore grande e vistosa que proporciona sombra, diferente de muitas árvores pequenas e retorcidas desse bioma, ela se destaca em sua grandeza, e a castanha de baru é uma importante fonte de renda da região.

²⁸ O Gambá é uma dança tradicional do sertão mineiro em que se dança em pares e a brincadeira é roubar o par do outro, dizem na região que os gambás tem essa prática de roubar as fêmeas, é uma dança que envolve quase um jogo teatral, a Quadrilha é a dança tradicional que se faz em época de festa de São João principalmente nas escolas em todo Brasil e muitas ruas em alguns estados, na região do noroeste de Minas Gerais a quadrilha se dança na rua e tem passos mais desafiadores do que os que eu conhecia.

Assim as cozinhas do Sertão transbordam para festa. É estória que transborda para os visitantes, é música que transborda da festa para cozinha e é caminhada que transborda para dança. Quintal e cozinha não tem separação, assim como preparativo e festa também não.

A CRIANÇA

Em um dado momento da preparação do almoço para os caminhantes d'*O Caminho do Sertão*, no ano de 2024, a Manu, uma criança de nove anos que cuidava das vacas de seu quintal e colocava galinha chocadeira na gaiola, me pergunta: “Para qual santo é essa romaria de vocês?”. Sem pensar eu respondo, “Guimarães Rosa”. Ela não entende, pede mais explicações e dou uma risada sem graça, entendendo a minha própria resposta. Explico a ela que aquela caminhada tinha relação à paixão por um autor que escreveu histórias sobre aquele território e aquela gente. Conto um pouco sobre Guimarães Rosa e ela ouve muito interessada e se dá por satisfeita. Com Manu, a figura se inverteu, a pesquisadora virou entrevistada. Mas dali, lembro-me de um encontro com outra Manu²⁹ que sabia ouvir, essa, viandante³⁰ da literatura de Michael Ende.

Estava com Giliarde, meu parceiro de travessia do sertão, no quintal de Manu, entre um afazer e outro, para preparar o feijão tropeiro e o suco que seriam servidos aos caminhantes. Ofereci a ela meu bambolê para que pudéssemos brincar um pouco juntas. Pois, assim que chegamos, vi Manu e sua irmã Marcela, cumprindo tarefas de casa, que também envolvia os preparos para a chegada dos caminhantes, lavando a louça, limpando o chão da varanda, coisas que eu mesma, na idade delas, também fazia em casa. Mas, entre uma tarefa doméstica e outra, ela tinha que correr pelo pasto para guardar uma vaca fujona e cuidar da galinha, que estava presa numa gaiola no terreiro. Percebi ali que aquela infância tinha lá suas singularidades.

²⁹ *Manu, a menina que sabia ouvir* é um livro infanto juvenil, de Michael Ende. Fala sobre uma menina que vivia em um teatro abandonado, com o apoio de toda uma comunidade. Ela tinha um poder especial, saber ouvir. Ao longo da trama ela tem que desvendar o mistério dos homens cinzentos que estão roubando o tempo de seus amigos. Ali no sertão encontrei outra Manu que conhecia os mistérios do tempo e também sabia ouvir.

³⁰ Viandante é um termo inspirado no poema de Conceição Evaristo *Da calma e do silêncio*.

Figura 8 - Manu brincando com meu bambolê e Giliarde sentado na sombra da árvore na IX Edição de *O Caminho do Sertão* 2024



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Manu me deu a chance de ficar amiga dela. Por um dia, conversamos bastante. Sempre com ela me perguntando muitas coisas e eu perguntando algumas poucas, como: Por que a galinha estava presa em uma gaiola sozinha enquanto as outras ciscavam livres? Ela me respondeu: — Porque ela precisa deixar de ficar choca. Como se essa informação bastasse, continuei confusa e perguntei ainda – Como ela deixa de ficar choca assim? Manu com cara de espanto, pois estava explicando algo tão banal para uma pessoa adulta, acho que não estava acreditando que eu não sabia mesmo daquilo, mas continuou – Quando dá cinco horas da manhã eu levanto e jogo água gelada nela, vários dias seguidos até ela deixar de ficar choca. Às vezes, precisa de uns três dias, mas essa aí é teimosa e estou tendo que deixar mais dias, porque ela não quer deixar de ficar choca, não. Fiz que entendi com a cabeça, mas estava muito espantada com realidades tão diversas que crianças da cidade e do campo podem ter.

O NARRADOR

Tenho *mascado essas palavras*³¹, quando olho para o meu caderno de campo, nas primeiras páginas de julho de 2022, vejo a caminhante que fui. Estava ao lado do Seu Argemiro e ouvia suas histórias sobre acontecimentos sobrenaturais, sertão afora, e ele finalizava seus causos falando: “Não sei se é verdade, mas está aí nesse sertão”. Em uma dessas histórias, contou que estava caminhando numa estrada, como aquela em que estávamos, e viu, no mato, um homem de blusa vermelha e saia jeans que o chamou para perto. Ele para sua fala, em um silêncio misterioso, esperando, até que uma caminhante pergunta, “era o diabo?”, e ele só responde com um sorriso e um “não sei” que mais parecia a confirmação de que era sim.

O sertão guarda muitos mistérios. Um deles é a relação com o invisível. O próprio romance *Grande Sertão: Veredas* tem como um dos temas centrais o suposto pacto de Riobaldo com o diabo. Como o próprio João Guimarães Rosa³² fala, a respeito de seu

³¹ Também faz referência ao poema *Da calma e do silêncio* de Conceição Evaristo.

³² Outros autores desenvolvem melhor esse debate sobre o diabo na obra de João Guimarães Rosa como Willi Bolle (BOLLE, 2004, p.147), Davi Arrigucci Jr. (ROSA, 2019, p.475) e Luiz Roncari (RONCARI, 2007, p. 133) entre outros autores. Podemos assistir também no documentário baseado no trabalho de pesquisa de Rosa Amélia Pereira da Silva *Travessia do Sertão: Narrativas do Caminho* (documentário literário)– IFB/FAP-DF, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pelou4RuyKO>> Acesso em 17 de janeiro de 2026. E mesmo o próprio Guimarães Rosa quando em entrevista, para uma revista alemã, fala que o *Grande Sertão: Veredas* é uma espécie de Fausto sertanejo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VmqzHLji1CM>> Acessado em 17 de janeiro de 2026.

personagem, Fausto sertanejo. Logo a provocação de seu Argemiro nos remete à célebre frase, “O diabo na rua, no meio do redemoinho...”, de *Grande Sertão: Veredas*.

ARTE E PERFORMANCE

Por esse sertão sem fim que caminhei me deparei com muita arte. Como já mencionado no capítulo, *Caminhos percorridos: uma cartografia transbordante*, sobre a performance na lavoura, na saída de Sagarana, rumo a Morrinhos, em que demônios propõem pacto com os caminhantes. *O Caminho do Sertão* é composto por muitos artistas, desde os que fazem as estátuas, imagens pelas quais passamos pelo trajeto, aos portais (em cada um dos pontos de chegada para dormir ou mesmo alguns de passagem, apenas para alimentação, tem um portal, com um dizer). Almir Paraca (2023), em “A Constituição do Caminho do Sertão”, no *Caderno de Narrativas*, organizado por Rosa Amélia Pereira da Silva, nos conta: “Sagarana traz em suas histórias o início do caminho. Todo ponto de pouso tem um portal específico que carrega um dizer com uma mensagem bastante sintética e a mensagem de Sagarana aponta para essa travessia”:

PARA SAIR DE SI

E IR PARA SI

DO SERTÃO³³

Paraca (2023) nos apresenta, ao longo d’*O Caminho do Sertão*, muitos pequenos escritos, que ele chama de Uaicai, a versão mineira do Haikai, poema curto, de origem japonesa, que captura um momento relacionado à natureza, uma fotografia em palavras. São essas brincadeiras com a arte, a natureza e diferentes referências que encantam na diversidade do sertão geraizeiro.

Segue um registro fotográfico feito, por mim, quando fui caminhante na VII Edição d’*O Caminho do Sertão*, de Almir Paraca, em frente ao portal de Sagarana, contando para os caminhantes que iniciaram a viagem a pé, qual a proposta dos portais: marcar os pontos dessa travessia e firmar os compromissos, individuais e coletivos. Os compromissos com valores éticos que nos acompanhariam ao longo do percurso, quase que o compromisso contrário firmado com o diabo, um pacto com o povo, um pacto com o cerrado, um pacto com o sertão de dentro.

³³ Silva, 2023, p.12.

Figura 9 - Almir Paraca, em frente ao portal de Sagarana, fala para os caminhantes na VII Edição de *O Caminho do Sertão* 2023.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Passando pelos portais, outra estrutura é avistada. Essa maior, e com finalidade de ficar e não apenas de passagem, as geodésicas³⁴. Meu primeiro contato com uma delas foi quando cheguei em Sagarana para participar da travessia. Pela primeira vez, ajudei a artista Karla Calasans (ex caminhante), a tecer a geodésica. Ela iria apresentar uma peça teatral na abertura da VII edição da travessia. O seu cenário consistia em uma geodésica menor dentro de uma geodésica maior, entrelaçada por muitas linhas. Esse movimento de tecer a geodésica foi como um ritual de passagem para entender fisicamente que as relações no sertão rosiano são essenciais para a caminhada de todo dia, são redes tecidas à muitas mãos.

Figura 10 - Geodésica de Sagarana preparada para receber a peça de teatro que deu início à VII edição d’*O Caminho do Sertão*, no ano de 2022



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

³⁴ Os organizadores d’ *O Caminho do Sertão* desenvolveram um projeto próprio de domos geodésicos registrado com o nome de Tecnologia Social Geodésica Sertaneja Multifuncional e certificado pela Fundação Banco do Brasil, com o prêmio de Tecnologia Sustentável, de 2024. Os domos geodésicos são estruturas de baixo custo, porém resistentes ao tempo, construídas com a intenção de acolher encontros e festas das comunidades.

Assim, como na Samarra (território da narrativa), em Sagarana, a festa era tecida e preparada por muitas mulheres. Dias antes, as pessoas vinham chegando de toda parte e quem chegava mais cedo ajudava nos preparativos. Tal como descreve Guimarães Rosa, na novela, e se faz os preparativos dos festejos, também no sertão rosiano contemporâneo. Existem algumas geodésicas espalhadas ao longo do percurso d' *O Caminho do Sertão*. Apresento aqui outra fotografia tirada na sétima edição, no amanhecer, para mais um dia de caminhada na Fazenda Menino, casa de Vó Geralda.

Figura 11 - Geodésica da Fazenda Menino, VII Edição d' O Caminho do Sertão 2023



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Chegamos até aqui percorrendo por portais, domos geodésicas, cozinhas, quintais e terreiros de festas, transbordamos veredas e encontramos caminhos que misturam sabores e ideias. Gostaria de trazer ainda, um portal, um pouco diferente do que encontra-se em Sagarana.

A religião se mistura a todo tempo com a obra de João Guimarães Rosa. Em Sagarana existe uma estátua de Nossa Senhora Aparecida com São Francisco, um ao lado do outro, e eles seguram um livro que, para um desavisado, poderia ser a Bíblia. O portal se forma entre as mãos estendidas segurando esse “livro sagrado”. Ao passarmos por baixo é possível ler o título do livro. Na verdade não se trata da Bíblia e, sim, de *Sagarana*, o livro de João Guimarães Rosa que dá nome ao vilarejo.

Como nos conta Paraca, nos Cadernos de Rosa Amélia,

Tem a nossa Senhora Aparecida e São Francisco segurando o livro de Sagarana, como que mostrando a fonte sagrada daquele lugar, seu próprio nome. A história de como a palavra Sagarana foi parar ali naquele rincão do sertão mereceria um capítulo à parte nessa história. Nossa Senhora é a padroeira do Lugar, e São Francisco tem a ver com as águas do lugar, as águas do lugar que correm para a bacia do São Francisco. Então, tanto Nossa Senhora Aparecida quanto São Francisco já eram presença naquele espaço, quando nós chegamos. (Silva, 2023, p.36)

O *Caminho do Sertão* tem como bordão “Pelo cerrado e suas culturas de pé!”, e por isso, em cada passagem da travessia, em cada ponto, os caminhantes firmam o compromisso com a luta pela preservação dessas culturas: sentido a cultura da natureza, de suas plantações originárias, do respeito com as sementes crioulas e o conhecimento da terra de um povo que vive historicamente naquele território; mas também a cultura no sentido de um modo de vida, de dançar, cantar, cozinhar, festejar, trabalhar e tudo misturado, pois a festa/cultura está em tudo.

AS ESTÁTUAS E AS ÁGUAS

Apresento o registro fotográfico³⁵ dessas estátuas, em Sagarana. Elas também formam uma espécie de portal por onde passam os caminhantes, e mais quem desejar a benção da padroeira e do santo protetor dos animais, e, aqui, podemos pensar também, nas águas do cerrado.

³⁵ Registro feito pela caminhante Esdras e compartilhado com o coletivo d’*O Caminho do Sertão*.

Figura 15 - Estátua de Nossa Senhora Aparecida e São Francisco com o livro Sagarana



Foto: Acervo d'O Caminho do Sertão.

Olhando ainda pelo prisma que nos traz Almir Paraca (2023), a respeito das águas:

Pois é, (...) os dois santos, tem parte com a água! Nossa Senhora da Aparecida apareceu na água, nas redes dos pescadores e São Francisco emprestou seu nome ao

importante rio. Como nada é de graça, nem pro Rosa e nem pra nós, pensamos que tem angú nesse caroço, tem uma mensagem oculta, subliminar, pra falar bonito, que é a seguinte: Tem que cuidar e proteger nossas águas, como a fé e a esperança do povo, tem que ter água pra ter vida. E aqui nesse sertão cerrado, cuidar das águas é cuidar do cerrado, de suas veredas. É lutar pra manter o cerrado e a cultura do povo em pé! Esse é o bordão e o chamamento do Caminho do Sertão, cê sabe né? (Silva, 2023, p.37)

Falamos sobre a importância do riachinho na novela *Uma estória de amor*. Não é um detalhe da estória, é um ponto fundante porque a presença da água no sertão é tema recorrente. Com o avanço do agronegócio é latente a preocupação. Já em outro ponto d'*O Caminho do Sertão* chegamos na casa, em Morrinhos - Arinos-MG. Somos recebidos com festa por Mana e sua família. Mana é a chefe da cozinha desse vilarejo que fica nas margens do Rio Urucuia. Mana é muito carinhosa com seus netos que estão sempre a sua volta, é muito receptiva com a comitiva que chega de fora, como uma trupe de circo, ou um povo nômade que chega triplicando a população local.

Mana também nos recebe contando um pouco da história do seu amado Urucuia. Uma relação ao mesmo tempo de respeito, medo e amor. Ali vivem muitas histórias, de Caboclo d'água, mas também de homens, de carne e osso, que estão drenando o rio com suas máquinas gigantescas de irrigação. Mesmo com muitas dificuldades e lutas vencidas, Mana segue recebendo os caminhantes com um belo caldo de piranha, pescadas por ela mesma, no Urucuia, rio esse do amor de Riobaldo e que, hoje está, cada dia, mais baixo, devido ao uso irresponsável por parte do agronegócio. A população mais antiga tem denunciado, mas não tem voz diante do poder dos fazendeiros locais.

Esse é um território de resistência. Precisamos olhar para o passado para pensar o presente, retomar a história das invasões europeias e das empreitadas dos bandeirantes. Nesse tempo, muitos indígenas foram coagidos e se viram obrigados a fugir para longe da costa brasileira, rumo às fronteiras do Paraguai e da Bolívia. Assim como, também houve o surgimento de quilombos embrenhados Brasil adentro. A impressão que nos dá, ao caminharmos por *O Caminho do Sertão*, é que estamos saindo da estrada Real, a oficial, com nomes de exploradores para adentrar os caminhos não oficiais de indígenas³⁶, quilombolas e veredeiros³⁷. Tal como, as veredas são fiapos de água que correm para um rio maior, os caminhos não oficiais são as veredas do sertão. Portanto, é por estas veredas que a vida é tecida no Cerrado, especialmente na manutenção de seu ecossistema, através das suas comunidades sertanejas, quilombolas, indígenas e ribeirinhas (Miranda, 2023), mas,

³⁶ Essa é uma região Xakriabá. Ver mais em Revista Manzuá através do link: <https://manzua.eco.br/revista/tecendo-historia-xakriaba/>.

³⁷ As pessoas que vivem tradicionalmente às margens das veredas se auto nomeiam “veredeiros”.

“sobretudo, suas mulheres, possuem um conhecimento singular na relação com o bioma por meio de um olhar mais sistêmico e, assim, sustentável” (p.39). É aqui que Maria Fernanda Miranda nos apresenta as mulheres de linha (p.56), se referindo às bordadeiras, tecelãs e fiandeiras do sertão, mulheres que se encontram através das linhas que fazem do trabalho manual, o ensejo do encontro.

Nesse sentido, e ouvindo a fala de Ladyjane Macedo, bordadeira de Ribeirão de Areia³⁸, uma das mulheres de linha, entrevistada por Maria Fernanda Miranda, ela define, de uma forma muito apropriada, o sentimento e a percepção de pessoas do território:

Nos reconhecemos pelos rios. São eles que dão nome para nossas terras. Os rios são veias que se conectam, linhas que nos unem, nos ligam. Se a gente souber perceber isso, a gente vê o tanto que somos fortes. O contexto hoje faz a gente achar que somos fracas. Daí vem a depressão. Mas os rios e as linhas estão aí para nos dizer o tanto que a gente é forte. O bordado, a fiação, é só uma desculpa para a gente se encontrar. Porque é encontrando que a gente se fortalece”. (Miranda, 2023, p.62)

A visão que separa o humano da natureza é uma visão do homem branco, um recorte que se coloca como universal, mas que não representa a visão de grande parte da população mundial. Quando Ladyjane fala que as mulheres se reconhecem pelos rios, ela está trazendo uma cosmovisão não-branca, mesmo que não entre nesse debate de forma contundente.

Não estamos atribuindo ao rio um caráter humano de forma poética e simbólica. A relação com o rio é de parentalidade de fato, como podemos ver quando se trata do Velho Chico, o rio São Francisco. Está assim descrito na música brasileira, na literatura e no imaginário popular, existe uma relação de afeto e respeito em torno do Velho Chico.

Como nos fala Ladyjane Macedo, “... mas os rios e as linhas estão aí para nos dizer o tanto que a gente é forte” (Miranda, 2023, p.62). Como caminhante, fiquei impressionada com a força que tive ao chegar em Morrinhos, no primeiro dia de caminhada, em 2022, e perceber que tinha forças ainda para dançar um forró. Porém, antes de dançar, eu pude assistir, pela primeira vez, na minha vida, a Dança de São Gonçalo. Fui tomada pela emoção e, até hoje, carrego a magia daquela noite no meu coração e no meu corpo.

Manuelzão vivia “comboiando boiadas”, segundo o narrador, “sem pique nem pouso – fazendo outros sertões” (Rosa, 2016, p.128). Era a primeira vez que tinha parada fixa e uma terra meio sua. Foi o tempo de sua mãe conhecer e ter orgulho da conquista de seu filho. Ela morreu na Samarra e foi enterrada em cemitério feito só para ela, no pé da capela que encomendaram.

³⁸ Pequena comunidade, distrito de Chapada Gaúcha-MG.

Ele nascera na mais miserável da pobrezazinha, desde menino pelejara para dela sair, para pôr a cabeça fora d'água, fora dessa pobreza de doer. Agora, com perto de sessenta anos, alcançara aquele patamar meio confortado, espécie de começo de metade de terminar. (Rosa, 2016, p.127)

Como ouvi no sertão, “Manuelzão plantou ali sua gente”, ouvi também de dona Fiinha, em Serra das Araras, a parteira e benzedeira da região. Ela fala que ali é terra dela porque já plantou muitos dos seus. Assim é no sertão rosiano, as pessoas queridas ficam encantadas e são plantadas em seu território. Quando cheguei, pela primeira vez, em Sagarana, para participar d’ *O Caminho do Sertão*, fiquei impressionada com a imensidão do céu, como se aquele céu que estava vendo fosse maior e mais infinito do que qualquer outro que já havia avistado. Entendo o que Guimarães Rosa escreve: “Sertão. O lugar era bonito. O céu subia mais ostentoso, mais avistado do que na Mata do Oeste, azuloso com uns azinhavre, ali o céu parecia mesmo o Céu, de Deus, dos Anjos.” (Rosa, 2016, p.141), e ainda continua dizendo que não é só o lugar, mas sobretudo, as relações das pessoas que ali vivem e por ali passam:

Mundo grande! Mas, ainda muito maior quando a gente podia estar em sua casa, e os outros vinham, empoeirados de sete maneiras, por estradas sertanias – e pediam um café, um gole d’água. Cada um tinha visto muita coisa, e só contava o que valesse. (ROSA, 2016, p.142)

Assim chegam os caminhantes d’ *O Caminho do Sertão*, que estão rumo a uma grande festa, *O Encontro dos Povos do Sertão Veredas*, mas que, em cada casa que chega, em cada vilarejo, é uma festa que espera. São muitas mulheres em cada cozinha preparando o café e a comida, esperando para ouvir histórias, muitas guardando suas próprias histórias para contar. Quintais que acolhem e viram vilarejos de barracas com uma fogueira para ouvir e contar histórias. Era na cozinha onde reunia as pessoas para ouvir suas histórias.

No sertão rosiano, e muito provavelmente Brasil afora, as pessoas ainda andam muito a pé. Muito se fala da coragem de mulheres que andam sozinhas, por estradas e principalmente sertão adentro, numa disputa de imaginário com o duelo entre medo e coragem, assunto presente na literatura de João Guimarães Rosa. Entrelaça-se a literatura e a realidade, encontrando-se o tempo inteiro. Assim como, conhecemos Joana Xaviel, conhecemos também Dona Lili, no sertão rosiano contemporâneo, e podemos ouvi-la aqui a partir dos registros da Andarina e pesquisadora, Maria Fernanda Costa Miranda:

Em meio às andanças nos Vales dos Rios Urucuia, conheci Lindalra, a Dona Lili. Sertaneja, fiandeira, versadeira, meio cigana, vai guardando no corpo os presentes que ela recebe das pessoas que ela encontra em suas andanças, acumulando afetos na forma de cantigas, histórias e amizades. Em cada lugar que passa presenteia alguém, e ganha outros presentes, agora, das pessoas desse lugar. Dona Lili vai e

volta andando das festas em Ribeirão e Chapada Bonita. São 28 km para ir e outros 28 km para voltar. Por vezes sozinha e até debaixo de chuva. (Miranda, 2023, p.24)

Vejo, em Dona Lili, mais uma personagem de Guimarães Rosa a ganhar vida no território rosiano. Antes e depois das anotações de Rosa, as personagens se misturam entre realidade e ficção. “Joana Xaviel sabia mil estórias. Seduzia – a mãe de Manuelzão achou que ela tivesse a boca abençoada” (Rosa, 2016, p.150). Todos ficavam à sua volta, mas Manuelzão ouvia por de trás da parede e não queria passar a noite no meio das pessoas em falação, mas queria ouvir as estórias, assim como dizem que o próprio João Guimarães Rosa também fazia, principalmente sentado atrás do balcão da mercearia de seu pai, em Cordisburgo-MG.

Quando li *Becos da Memória* (2006), me senti atravessada, lembrei das ruas da minha infância, das ruas que brinquei, das casas onde morei. A que mais acolheu minhas tardes de pé no chão foi demolida e ali morreu um pouquinho de mim. Não foi uma história de despejo, não foi uma injustiça social. Foi aquele velho progresso, o capitalismo atropelando memórias, que destruiu uma casa de quintal grande para construir lojas, galpões; onde tinha criança brincando, hoje tem comércio.

Essa experiência não é individual. É uma lâmina afiada que atravessa os corpos na modernidade, pois, na rua da infância da Conceição Evaristo também passou o trator da História, essa oficial com H maiusculo, devastador e colonial. Senti como se eu mesma vivesse naqueles becos, com aqueles vizinhos. Esse é o poder e o encanto da literatura, somos atravessadas, dói no corpo, quando uma história nos atravessa; quando a escuta de uma história nos ensina ou nos transporta a outras conjecturas, para futuras pesquisas e transbordamentos. Literatura que anda de mãos dadas com a oralidade, essa que resiste e mora nos corpos da gente do sertão, alimentando a própria literatura que nos toca a alma, alimentando a alma que toca a literatura e transborda imaginários de mundos possíveis.

6. Rumor a outros transbordamentos

Uma festa é que deveria de durar para sempre sem-fim; (Rosa, 2016, p.155)

Assim como a festa, essa dissertação também chega ao fim, mas ainda gostaríamos de nos permitir a abertura para outros caminhar³⁹, outros tempos. Estou aqui falando de caminhos, mas esses caminhos não são apenas de chão, de estradas, são caminhos sobretudo do imaginário. Assim sendo, a aproximação com a obra de João Guimarães Rosa e Conceição Evaristo, nos remete a outros contextos e gerações diferentes, mas a obras de autores que são representantes universais da literatura brasileira ao analisarem o Brasil profundo, a linguagem e as identidades. Trata-se de autores que têm um modo de narrar através do contar histórias. É possível dizer que os narradores das obras destes dois autores se aproximam do narrador de Walter Benjamin, pois vão intercambiando experiências em formato de ensinamentos, “(...) se movendo para cima e para baixo nos degraus de suas experiências, as suas e as dos outros, pois a sua relação com a sua matéria - a vida humana - é artesanal” (1994, p.221). Portanto, Guimarães Rosa é um artesão da memória... do rio da memória. Rios que dialogam com os “eus” internos dos personagens, como em *Manuelzão*, que sente a morte do seu riachinho, e com os “eus” dos caminhantes; são as águas do lugar que secam... são as águas que correm do rio para o mar.

Seu Argemiro, em meio a travessia, contou da primeira vez que viu o mar. Estávamos passando por um caminho de areia muito branca e fina, e ele brincou: “no final desse caminho tá o mar”. Todos rimos e imaginamos o mar nos esperando no final daquele longo caminho quente, seria bom se refrescar no mar naquele momento. Depois de um tempo de silêncio, Seu Argemiro começou a contar a primeira vez que foi à praia, de excursão, com a roupa do corpo. Viajou muitos quilômetros, e agora já não me lembro se a praia era no Rio de Janeiro ou na Bahia, a memória já se mistura com outras histórias, e no caderno de campo, faltou detalhes⁴⁰. Hoje puxo pela memória, mas o que mais me lembro é da sensação no corpo, enquanto eu ouvia aquela história e imaginava o deslumbramento de uma pessoa já adulta que vê o mar, pela primeira vez. Pensava na minha mãe que conta que quando viu o mar, pela primeira vez, já era grande, talvez 12 anos, e foi também de excursão, da periferia de São

³⁹ Como poema *Da Calma e do Silêncio*, de Conceição Evaristo especialmente através do trecho

“Nem todo viandante, anda estradas”, que me remete a este momento do pensar uma travessia.

⁴⁰ Escrevia na barraca, no fim do dia de caminhada, às vezes não tinha forças para escrever muito e deixava algumas palavras-chaves para completar a ideia depois. Mas não voltei para completar.

Paulo para Santos. Quando o ônibus parou de frente para o mar, ela perguntou: “onde está o mar?” Ela só via o céu, não sabia diferenciar o que era mar e o que era céu.

Essa história da minha mãe⁴¹, por sua vez, me lembra uma pequena história de Eduardo Galeano:

A função da arte 1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– Me ajuda a olhar! (Galeano, 2002, p.12)

Enfim, Galeano estava certo. Essa é a função da arte. A vida é muito complexa para digerir sem a arte. A literatura rosiana que guia *O Caminho do Sertão*, que nos transporta do sertão ao mar, à literatura de Conceição Evaristo, e os becos das memórias de Conceição que nos levam de volta às ruas da infância. Assim as experiências se entrelaçam, vida e arte se misturam em uma dança permanente. Desta maneira, nas considerações finais desta dissertação, retorno ao começo da escrita do projeto que iria submeter ao programa de mestrado e pensava no porquê da literatura, como falar de questões caras para a Condição Humana através da arte.

A arte deixa espaço para o devaneio, não explica suas intenções, cheia de silêncios e vazios, como diz Benjamin: “O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência.”(1994, p.204.). Esse tédio é o que nos permite o atravessamento, e a experiência nos transporta para muitos outros mundos. Estamos aqui entrelaçando viagem a pé, festa e literatura, viagens do físico e do imaginário, tal como nos apresenta Ianni:

O caminhante devaneia sobre a estrada e a travessia, o que vê e o que não vê, o que aprende e o que imagina que sabe, a aparência e a essência, o ser e o devir. Pode descobrir que na parte ressoa o todo, que o singular carrega o halo do universal. Esse é o percurso em que se perde e encontra, forma e transforma. E pode até mesmo reencontrar-se, transfigurado em outro de si mesmo.(Ianni, 2003, p. 27)

⁴¹ Nesse momento enquanto caminhava, em meio a essa areia branca, fina e quente, eu pensava também na história que me contava Seu Argemiro. Pensava na minha mãe, pensava na criança de Galeano, e pensava no filme, *A História da Eternidade*, de Camilo Cavalcante. Numa cena linda do filme ,com Irandir Santos, um homem muito sensível do sertão, que leva sua sobrinha sonhadora para “conhecer” o mar. Em meio ao sertão pernambucano, ele a convida para sentar em um morro onde tem silêncio e vento, e ali pede para que ela feche os olhos e cria uma narrativa. Com o poder das palavra, e a ajuda de uma concha, ele a transporta do sertão para o mar.

Passados agora um tempo, desde que estive caminhante pelo sertão, devaneando, na *calma e no silêncio*, consigo *versejar o âmagô das coisas*, entender a importância de estar disponível para ser atravessada. Agora vejo que não conseguiria sistematizar essa vivência se não fosse por meio da arte, pois a função da arte é nos ajudar a entender a complexidade da vida humana, das relações, e aqui, das festas. Como trouxe anteriormente, cada festa representa tradição, mas também representa ruptura e contestação ao sistema. Ao longo da história foi se construindo formas de resistir e coexistir, diferentes cosmovisões, e, por isso, as brincadeiras e as festas são parte fundante deste movimento de constituição de um povo, que não é homogêneo e não tem uma identidade única.

A pesquisa revelou o processo de aprendizagem através da experiência, da pesquisadora, ao mesmo tempo em que trouxe a compreensão dos processos de luta das pessoas do sertão rosiano contra a exploração do agronegócio. A luta e resistência das pessoas que vivem nesse território passam necessariamente pela festa.

A novela *Uma Estória de Amor*, nos aproxima do sertão e dos festejos sertanejos. Adentramos a cozinha, saboreamos sua comida em pratos improvisados de latas de marmelada, como fizeram os convidados de Manuelzão; dançamos o Gambá, e através da leitura, pudemos colocar o corpo em movimento, viajar sertão adentro.

O Caminho do Sertão se propõe um turismo de base comunitária e para que isso seja possível e respeitoso, com o princípio da *pactuação negociada de compromissos*, que propõe Bartholo (2009), é feita uma seleção dos participantes por meio de cartas de afeto. Como já foi mencionado anteriormente, e retomamos neste momento esta informação com o intuito de salientar a importância dessa seleção como forma de iniciar, desde a inscrição, um pacto, um compromisso dos participantes com os três eixos fundantes do evento: a literatura, o cerrado e sobretudo, o povo geraizeiro.

Talvez, por causa deste compromisso, os caminhantes que retornam ao projeto como voluntários, têm uma outra relação com as pessoas que vivem no território. Nos dois anos que retornei às edições d'*O caminho* e me voluntariei para trabalhar na cozinha, tive trocas profundas e ricas que me permitiram escrever esta dissertação. Aprendi a olhar para o lugar da viagem como um lugar não apenas de distração, um passeio das férias, mas, sobretudo, a viagem como possibilidade de trocas e crescimento pessoal e coletivo.

Ao “derradeiro” momento da travessia da escrita desta dissertação chego, talvez, com muitos caminhos abertos, rumo a outras festas e outras reflexões. Com as histórias de Joana Xaviel e Seu Camilo que nos abrem muitas portas para pensarmos o sertão e a condição humana. Existem muitos pontos soltos, *O Caminho do Sertão* é construído por muitas pessoas

e é dinâmico; pessoas que podem apresentar interesses diversos. E brotam questionamentos: O *Caminho do Sertão* está blindado dos tentáculos do capitalismo? O turismo comercial, está longe do sertão? Talvez sejam questões para o coletivo pensar e sempre repensar.

7. Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. **Corpos em baile** : giros da literatura, giros do afeto nos Gerais / Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa. – 2018.

BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. MARQUES, Flávia Charão. MEYER, Gustavo. Entidades performáticas e desestabilização: o desenvolvimento local para além do mainstream. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 33-45, jan./mar. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Volume 1. 7 ed. Editora Brasiliense - São Paulo, 1994.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**. 34 ed. Duas Cidades – São Paulo, 2004.

BORGES, A. **Mulheres e suas casas**: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul. Cadernos Pagu v.40, p.197-227, jan./jun. 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória/Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul; Uberaba: Ed. Uniube, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Todavia, 2023.

CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**: ensaios. 4ª Ed. - São Paulo: T.A. Queiroz, 2002.

DIEGUES, Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª Ed. - São Paulo: Editora Aderaldo & Rothschild Editores Ltda.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FANON, Frantz, 1925-1961. **Os condenados da terra** / Frantz Fanon> tradução Ligia Fonceca Ferreira, Regina Salgado Campos. - 1ª ed - Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. Editora Elefante, 2022.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. Boitempo Editorial, 2024.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Editora Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

IANNI, Octavio, 1926- **Enigmas da Modernidade-Mundo** / Octavio Ianni. - 3ªed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 .

JAPIASSU, Hilton. O sonho transdisciplinar. **Revista Desafios**, v. 3, n. 1, p. 3-9, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das letras, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MAGNANI, José Guilherme. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: UNESP, 1984.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O Léxico de Guimarães Rosa**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MEYER, Gustavo. **Quando Arte e Cultura falam em Desenvolvimento**: Atores Sociais e Experiências do Mundo Rural no Noroeste Mineiro. Editora Appris, 2020.

MIRANDA, Maria Fernanda Costa. **Andarina** : por uma poética de travessia Sertão dos Gerais adentro – Universidade Estadual de Campinas Biblioteca do Instituto de Artes Silvia Regina Shiroma - Campinas, SP : [s.n.], 2023.

OLIVEIRA, Geralda de Brito. **A porta aberta do sertão**: histórias da Vó Geralda. Organizado por Isla Nakano, Renata Ribeiro; ilustrado por Paula Harumi.- Belo Horizonte: Relicário, 2024.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem** - Uma Poética da Geografia. Tradução: Sandra Silva. Qtzal Editores. Lisboa, Portugal, 2009.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2003.

POMBO, Olga. **Práticas interdisciplinares**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006.

ROCHA, Isabela Martins de Souza. **Manifestações do catolicismo popular no contexto urbano: Folia de Reis como resistência cultural em Sorocaba-SP (1990-2025)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, campus de Sorocaba. Sorocaba-SP, 2025.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**: Corpo de Baile. - 12. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Editora Nova Aguilar – São Paulo, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão** - [11ª edição] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.

SCARPELLI, Marli de Oliveira Fantini. Mudança de mapa, mudança de território na comunidade imaginada de João Rosa. **Aletria**: Revista De Estudos De Literatura, 4, 1996.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. **Travessia do sertão**: narrativas do caminho. Brasília: Instituto Federal de Brasília, 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas; tradução. Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.